

L. R. Pratti

Dias Cinzentos





Table of Contents

Índice

Primeira Parte – Rodrigo

Capítulo 01 – Branco e Preto

Capítulo 02 – Índigo

Capítulo 03 – Amarelo

Capítulo 04 – Azul

Capítulo 05 – Creme

Capítulo 06 – Laranja

Capítulo 07 – Marrom

Capítulo 08 – Roxo

Capítulo 09 – Rosa

Capítulo 10 – Vermelho

Capítulo 11 – Verde

Capítulo 12 – Cinza

Capítulo 13 – Transparente

Segunda Parte – Amanda

Capítulo 01 – Índigo

Capítulo 02 – Rio

Capítulo 03 – Olhos

Capítulo 04 – Gelo Fino

Capítulo 05 – Céu

Capítulo 06 – Paredes

Capítulo 07 – Infância

Capítulo 08 – Safira

Capítulo 09 – Lágrimas

Capítulo 10 – Chuva

Capítulo 11 – Livro

Capítulo 12 – Envelope

Capítulo 13 – Oceano

Epílogo – Forças Azuis

Agradecimentos

Este livro é dedicado a todos que já tiveram dias cinzentos.

Índice

Índice

Primeira Parte – Rodrigo

Capítulo 01 – Branco e Preto

Capítulo 02 – Índigo

Capítulo 03 – Amarelo

Capítulo 04 – Azul

Capítulo 05 – Creme

Capítulo 06 – Laranja

Capítulo 07 – Marrom

Capítulo 08 – Roxo

Capítulo 09 – Rosa

Capítulo 10 – Vermelho

Capítulo 11 – Verde

Capítulo 12 – Cinza

Capítulo 13 – Transparente

Segunda Parte – Amanda

Capítulo 01 – Índigo

Capítulo 02 – Rio

Capítulo 03 – Olhos

Capítulo 04 – Gelo Fino

Capítulo 05 – Céu

Capítulo 06 – Paredes

Capítulo 07 – Infância

Capítulo 08 – Safira

Capítulo 09 – Lágrimas

Capítulo 10 – Chuva

Capítulo 11 – Livro

Capítulo 12 – Envelope

Capítulo 13 – Oceano

Epílogo – Forças Azuis

GL

[Agradecimentos](#)

Primeira Parte – Rodrigo

Meu nome é Amanda Freitas. Eu tenho dezessete anos e estou quase terminando o ensino médio. Não tenho namorado, tenho poucos amigos e uma boa família. Sou considerada inteligente.

Eu tenho um irmão caçula, chamado Rodrigo Freitas. Ele é quatro anos mais novo que eu.

Rodrigo nasceu daltônico, mas com um tipo de daltonismo bem raro. Ele não enxerga cor nenhuma, apenas tons. Para ele, a vida é em branco e preto e todos os dias são cinzentos.

Esta é a nossa história.

Capítulo 01 – Branco e Preto

Amanda estava deitada na grama, no quintal de sua avó. Rodrigo estava estirado ao seu lado. Naquela altura, eles tinham nove e cinco anos. Olhavam para o céu em silêncio. Ouviam os pássaros cantarem, passeando pelo céu muito azul naquele dia de verão.

- Amanda? – Chamou Rodrigo.

- Diga.

- O que são cores?

Lentamente, ela se sentou na grama e olhou o irmão. Ele continuava olhando para o céu. Ela se pôs a pensar em uma resposta. O que seria uma cor?

- Dizem que eu não vejo cores. – Continuou Rodrigo. – Mas você vê cores. O mundo que você vê é diferente do meu. Como são as cores? O que é uma cor?

- Uma cor é a maneira como você se sente sobre as coisas. – Pensou ela. – Tipo... branco. É como você se sente ao olhar para as nuvens, ou os cabelos da vó que te dá doces, ou uma pomba da paz. O branco é algo bom. Nem tudo que é bom é branco, e nem tudo que é branco é bom. Mas uma cor é uma sensação. A cor é sobre como você se sente quando vê algo.

Fez uma pausa, pensando mais um pouco.

- Tem o preto, que é o oposto que tudo que se sente com branco. É como quando você está no escuro, se você tem medo de escuro. É a cor do céu da noite, que é bonito e gigantesco. Tudo depende de como você se sente sobre as coisas que tem aquela cor. E é isso que a cor vai ser.

- Eu não entendi.

Amanda se deitou novamente.

- Eu não sei como te explicar. Agora, eu me sinto em paz. Como você se sente?

- Acho que eu me sinto assim também. Eu estou com sono.

- O sono é preto. Porque quando você fecha os olhos, tudo fica escuro. O sono é bom. É tranquilo.

- Acho que sim. – Respondeu Rodrigo e fechou os olhos.

- É um momento preto e branco.

Capítulo 02 – Índigo

Fechei o caderno assim que terminei minhas lições de casa. O baque foi tão alto que Rodrigo levantou a cabeça. Olhou-me por algum tempo, mas quando percebeu que não me virei para ele, apenas abaixou a cabeça de volta para suas próprias lições.

Os grandes fones contornavam sua cabeça, eu conseguia imaginar o que ele estava ouvindo; ele é bem seletivo com tudo, principalmente música. Nunca consegui entender como ele conseguia ouvir música enquanto fazia lição. Se um pássaro comesse a cantar do lado de fora, eu já perdia minha concentração e poderia fazer tudo errado em um segundo.

Levantei a cabeça e olhei pela janela que ficava sobre a escrivaninha. Nós vivemos em uma casa praticamente no meio do nada; olhando pela janela, eu conseguia ver as montanhas. Havia chovido, o céu estava cinzento e a grama estava molhada.

Foi a vez de Rodrigo bater o caderno. Levantou-se da cama, esticando as pernas, e tirou os fones dos ouvidos.

- O que você vai fazer agora? – Perguntei.
- Sei lá, já acabei a lição, por enquanto.
- Quer ir andar de bicicleta?
- Parece que ainda vai chover mais.
- A gente leva as capas de chuva.

Ele deu de ombros, mas sorriu. Ele gostava de andar de bicicleta e do tempo chuvoso. Quando chove, o mundo parece se tornar um lugar diferente. As ruas tem outro cheiro, não há ninguém à vista e parece que os pecados foram lavados da terra, tudo um pouco mais limpo.

- Eu vou pegar minha capa. – Falou Rodrigo e começou a remexer nas roupas.

Na nossa cidade, chove muito e faz frio o tempo todo. Coloquei um moletom a mais antes de cobrir-me com a capa de chuva transparente. Trancamos a casa toda, fechamos as janelas e saímos pela garagem com nossas bicicletas pretas.

Pedalamos desenfreadamente. Continuamos, descemos a rua na máxima velocidade, fazendo curvas abertas pelas ruelas, até chegarmos ao nosso destino final de sempre: o desfiladeiro. Não era nada excepcionalmente alto ou assustador, mas era possível sentir um frio na barriga de olhar lá embaixo. Ainda assim, a vista dali era incrível.

- Está tudo bem?

Inicialmente, estranhei o som, mas era Rodrigo falando comigo. Havíamos passado o passeio inteiro sem dizer uma palavra. Nós simplesmente fazemos isso. Passamos longos momentos sentados, olhando ao redor sem dizer uma palavra. Mas ainda assim, a gente se conhece. Com a gente é assim, é como se sentíssemos que é a hora certa de falar.

- É... – Respondi, e ele torceu o nariz para a minha resposta. – E você?
- Não aguento mais a escola. – Falou, se deitando no chão. – Lugar insuportável. As pessoas da minha turma nem olham para mim.
- É. – Eu quase sorri com a associação. – Eu lembro bem como é.

Nós não vamos para a mesma escola. Eu faço o ensino médio em uma escola técnica pública e ele faz o fundamental na escola pública normal. Ele frequenta a mesma escola que eu frequentava quando tinha a idade dele. Na verdade, nada ali havia mudado. Mas é o tipo

de lugar que, mesmo que tudo mudasse, continuaria a mesma coisa. Mudam as pessoas ali, mas não as atitudes que elas tomam.

Recentemente, ele fora trocado de turma no começo do ano. Por dois anos ele avisou nossos pais que não conseguia ter aulas naquela turma, e por dois anos nossos pais cobraram uma atitude da escola. Agora, ele aprendia. Mas de resto...

- Alguns professores não são os mesmos. Mas todos me olham do mesmo jeito. Me olham com pena, com dó. Como se eu fosse algum filhote vira-lata de pata quebrada exigindo sua piedade.

- Comparação interessante. – Falei, rindo.

- Eu não aguento isso.

- Eu sei. Mas eu tenho que te dizer: não é só porque ficará mais velho que ficará melhor. Sempre vai ter alguém que sabe que vai te olhar desse jeito. Mas acho que com o tempo as pessoas param de se importar. Ou você não conta para elas.

- Não é algo aparente, mas é algo que as pessoas percebem, eu acho. É como se estivesse escrito na minha testa: não vê cores!

- Não é um impeditivo na sua vida. – Parei e repensei um pouco. – Na maioria das coisas.

- Eu nunca vou poder dirigir. – Ele falou, casualmente. Ele se acostumara com a ideia.

- Talvez não. E não pode acreditar nos vendedores quando for comprar roupas.

- Sim, eles podem tentar me vender coisas fluorescentes!

- Mas, ao todo...? – Perguntei.

- Eu vivo na boa! – Ele riu de si mesmo. – Não é grande coisa.

Sentou-se, e ficamos olhando as montanhas por algum tempo.

- Qual a cor? – Ele me perguntou.

Olhei para ele, rindo.

- Você quer uma cor? – Perguntei.

- Eu acho que é um bom momento. Em momentos assim, eu sempre ganho uma cor.

Tinha começado quando ele tinha cinco anos. Ele havia me perguntado o que eram cores. E como se explica uma cor? Eu, no auge da minha inteligência de nove anos, tentei explicar para ele o que era branco e preto, que na verdade nem são cores. Mas ele pareceu satisfeito. Fazíamos isso desde então. Quando o momento simplesmente parecia bom e em paz, ele me pedia uma cor. E eu definia o que ela significava para mim, citando coisas daquela cor; então, ele decidia se gostava da cor ou não.

- Tudo bem, acho que te consigo uma cor. Só me deixe pensar um pouco.

Cocei o queixo e olhei para o céu.

- Índigo. Você tem essa? É um tipo de azul-escuro.

- Não. Só azul... azul. Parece uma boa cor. Continue.

- Então, índigo é como as noites nubladas. É como quando você sente a chuva te acertar. É como quando você mergulha no mar. O silêncio que vem junto e abrange todos esses casos. O silêncio de uma noite chuvosa, em que não há pássaros ou insetos. Tão cálido quanto dentro do mar. Índigo é... silêncio.

- É como quando andamos de bicicleta.

- É, esse é um bom momento índigo.

Começamos a dar risada daquilo. Até nós nos achávamos estranhos às vezes.

GL

- Eu gosto de índigo, mas só quando andamos de bicicleta. De resto, parece um pouco mórbido. Esse silêncio completo me faz sentir falta dos sons da vida. Dos insetos, pássaros e tal. Soa como algo meio morto. – Ele pensou.

- Talvez, um pouco.

- Quando chegarmos em casa, vou anotar mais essa.

Eu sorri.

- Acho que já é hora de voltarmos.

Capítulo 03 – Amarelo

O primeiro dia de Rodrigo na escola foi muito assustador para ele. Morávamos desde sempre naquela casa isolada da massa da sociedade; mal tínhamos vizinhos e os que tínhamos eram famílias ricas com casas bem maiores que a nossa que vinham esporadicamente para as férias e feriados ou idosos que estavam cheios da vida barulhenta dos centros urbanos.

Como resultado, nós não tínhamos amigos. As pessoas da cidade nos conheciam: eu já frequentava a escola e meus pais trabalhavam lá; todos já sabiam quem era Rodrigo e como ele era. Mas ele não conhecia ninguém.

Geralmente, nossos pais saíam cedo todo dia de manhã e deixavam Rodrigo na casa da nossa avó antes de irem para o trabalho. Eu passava os dez minutos seguintes entre eles me deixarem no ponto onde o ônibus passava e o ônibus chegar simplesmente parada sozinha, com minha mochila e minha lancheira, desde os oito anos, quando parecia que eu poderia esperar sozinha por dez minutos sem que nada acontecesse.

Nossos pais haviam saído para trabalhar cedo naquele dia, como sempre fizeram. Deixaram eu e Rodrigo no ponto do ônibus. Era o primeiro ano em que usava uma mochila que não tinha um desenho animado nela e não havia lancheira naquele ano. Era meu primeiro ano no próximo ciclo do fundamental, no qual ninguém mais usava lancheiras.

Rodrigo havia comprado seu material na semana anterior. Sua mochila era azul e combinava com a lancheira térmica que tinha um grande gato engraçado estampado na frente, mas não era como se ele exatamente soubesse todos esses detalhes. Eu gostava da minha lancheira, ela era amarela com desenhos de abelhas. Lembro de ter me perguntado porque, quando as pessoas cresciam, elas simplesmente não podiam mais usar lancheiras, muito menos temáticas. Eu tinha dez e ele seis, naquela época.

O ônibus parou, nós subimos e nos sentamos; o ônibus voltou a rodar. Ele tinha a expressão séria de uma criança que tenta parecer madura, mas carrega uma lancheira térmica com um grande gato engraçado estampado na frente. Coloquei a mão sobre a sua cabeça. Ele olhou para cima, me encarando:

- O que foi? – Ele me perguntou.

- Está tudo bem estar com medo. – Eu sussurrei, de modo que apenas ele ouvisse.

Ele não me respondeu, mas não precisava. Porque como eu havia dito, sabia que ele estava com medo. Rodrigo nunca falara com outras crianças, como eu também não quando entrei na escola, com a idade dele. Seu contato social se limitava a mim, nossos pais e nossa avó. As outras crianças se conheciam desde o berço.

Continuei com a mão sobre a cabeça dele até chegar o momento de descermos do ônibus. Eu o acompanhei até o portão da escola e lhe disse:

- Até mais. Na hora que você sair eu vou estar aqui fora te esperando.

- Promete? – Ele sussurrou, com a voz meio tremida.

- Sim, eu prometo.

Olhei para ele enquanto entrava na escola com passos hesitantes e depois me dirigi ao portão da minha escola, que era o prédio exatamente ao lado. Com a divisão de séries da escola pública, nós nunca chegamos a frequentar a mesma escola, porque sou quatro anos

mais velha. Ele teria que aprender a se virar na escola e a lidar com os outros alunos e professores sozinho.

Meus colegas de escola eram os mesmos, porque todos saiam de uma escola para a outra. Até a quinta série, era uma escola, e na sexta a gente ia pra escola do lado, na qual ficava até a oitava.

A nova escola era maior e tinha mais turmas. Ninguém falou comigo. Na hora do recreio, eu me sentei encostada contra o muro, em um canto do pátio, com meu lanche como companhia. Eu comi meu sanduíche e bebi o meu suco, feliz que ninguém apareceu para mexer comigo. Depois, voltei para minha sala e tive o resto das minhas aulas.

Quando o sinal tocou, eu saí o mais rápido que pude. O portão se abriu e eu saí a tempo, segundos antes do portão da escola de Rodrigo abrir. Quando ele saiu, eu fiz de conta que estava esperando por ele fazia muito tempo.

- Você está aqui. – Ele disse.

- Claro que estou! Eu prometi que estaria, não prometi?

- Sim, você prometeu.

O ônibus apareceu e não falamos mais nada pelo resto da viagem. Pude perceber que ele não queria falar sobre seu dia, ao menos, não naquele momento. Descemos no ponto. Esperamos mais alguns minutos e pontualmente nossos pais apareceram e nos levaram para casa para o almoço. Era o trajeto deles: sair do trabalho para almoçar, passar, pegar a gente, ir para casa, almoçar e depois voltar para o trabalho.

- Então, como foi o primeiro dia? – Perguntou nossa mãe, sorridente ao volante, olhando para nós pelo retrovisor.

- Foi tranquilo. – Eu respondi.

- E você, Rodrigo? – Perguntou nosso pai. – Fez algum amigo?

- Não, ainda não. – Respondeu ele. – Mas foi um dia... tranquilo.

- Fico feliz de ouvir isso. – Respondeu nossa mãe, e dirigiu para casa.

Chegamos, almoçamos, nossos pais fizeram algumas perguntas sobre o que havíamos aprendido e coisas assim, mas focaram-se principalmente em Rodrigo, afinal, era ele quem tivera o primeiro dia de aula da vida.

Lavamos a louça rapidamente, nossos pais se despediram, saíram com o carro, trancaram o portão e voltaram para o trabalho. Era o primeiro dia, não havia lição de casa. No nosso quintal, havia um balanço de aço repousando sobre a grama. Fomos lá fora e Rodrigo pediu que eu o empurrasse.

Por alguns instantes nós rimos, enquanto ele voava alto em seu balanço. Depois de um tempo, ele pediu que eu parasse e voltou a oscilar lentamente sobre a grama. Eu sentei no lugar vago à sua esquerda e me balancei um pouco também.

Enfim, depois de alguns segundos em silêncio, pareceu certo perguntar:

- Como foi a escola hoje?

Já haviam perguntado sobre isso algumas vezes. Nossos pais fizeram essa mesma pergunta de formas bem mais específicas, perguntando como fora seu dia nos mais diversos aspectos possíveis. Mas eu sabia que ele havia detestado, pela sua expressão quando eu o vi sair pelo portão e pela maneira como se esquivava das perguntas. Talvez ele não soubesse, mas eu sabia que nossos pais, ainda que não deixassem claro, sabiam disso também.

- Ninguém lá gosta de mim. Eles falam sobre mim quando pensam que eu não estou ouvindo. Eles me olham diferente.

Suspirei e continuei me balançando. Naquele momento eu ainda não sabia, mas ele teria que aprender a sustentar aquele olhar sobre si pelos anos à frente, e seria um duro e longo processo de aprender a lidar com as pessoas te tratando de um jeito diferente.

- Sabe, não deixe isso te afetar. Pense nas coisas boas.

- Como o que? – Ele me perguntou como que por curiosidade.

Certamente ele conseguia pensar em coisas boas, mas se perguntava a quais eu estaria me referindo. Quando se está triste, que coisas boas você pensa.

- Como o amarelo.

- Amarelo? Eu penso em brincar no balanço. É uma coisa boa.

- Sim, mas o amarelo representa coisas como o sol batendo em nossos rostos. Como brincar no balanço e deitar e rolar na grama em um dia de verão. O amarelo é como quando você brinca e ri tanto que sua barriga dói, e mesmo assim você está feliz. O amarelo é a alegria dos dias.

- Igual a brincar no balanço! – Ele exclamou.

- Sim, igual como quando a gente fica aqui e brinca no balanço.

Ele sorriu, fechando os olhos como se tentasse sentir o amarelo do sol batendo em seu rosto.

- É. – Ele respondeu, ainda sem abrir os olhos. – Eu acho que gosto de amarelo.

Capítulo 04 – Azul

Meus pais me ensinaram a andar de bicicleta quando eu tinha doze anos. Na mesma época, Rodrigo também aprendeu. E foi um dia explorando a região que encontramos o desfiladeiro pela primeira vez. Ninguém parecia conhecer aquele lugar, ainda que estivesse ali, à vista de todos.

Foi a primeira e última loucura que fizemos, por assim dizer. Éramos crianças e sumimos pela tarde inteira; nossos pais tiveram um ataque. Nós nos sentimos culpados quando voltamos para casa, mas não nos arrependemos do que fizemos, porque nunca nos esqueceremos daquela tarde.

Nós ficamos ali, sentados na beira do desfiladeiro, observando a paisagem e conversando.

- Alguns dias são mais difíceis do que outros. – Falou Rodrigo.

- Hoje foi um desses dias mais difíceis?

Por um momento, ele hesitou antes de responder:

- Sim.

- E por quê?

- Eu não sei. Hoje eu me senti diferente. Como se por algum motivo, eu me sentisse menor. Ou o mundo tivesse ficado maior.

- Quando você se sentiu assim? Foi de repente?

- É, acho que foi de repente. Eu não sei.

Eu sabia que havia algo faltando na história, mas não queria pressioná-lo. Ao invés disso, falei:

- Sabe, Rodrigo, a vida está lutando contra nós. E nós estamos lutando contra ela. Ganha o lutador mais forte.

- O que isso quer dizer? – Ele perguntou, confuso.

- Quer dizer que, mesmo quando parece que todos estão contra você, você tem que se erguer e revidar. Sem deixar a vida te abater. Porque se não aqueles que querem te ver derrotado, ganham.

- O que isso tem a ver comigo?

- Não sei, talvez, no momento, nada. Mas um dia vai ter. E às vezes nós nos sentimos oprimidos pelo que os outros fazem ou dizem e assim nos sentimos menores.

Ele não respondeu, apenas olhou para o céu por algum tempo. Esperei por um longo tempo até que ele falasse:

- Eles zombam de mim pelas costas, me chamam de rejeitado. Porque eu não consigo fazer amigos.

- Você se sente rejeitado? – Perguntei.

- Não. Eu tenho meus pais. E eu tenho você. Eu não sou um rejeitado. Eu só me sinto... menor. E fico bravo com essas pessoas por agirem de maneira tão estúpida comigo. Como se eles fossem melhores do que eu.

Deitei-me no chão e olhei para o céu. Falei para Rodrigo se deitar também, para ver melhor o céu.

- Você vê o que eu vejo? – Perguntei para ele.

- Imagino que não. – Respondeu, franzindo o nariz.

- Não é disso que eu estou falando. Estou falando das nuvens.

- Mas não tem nuvens no céu.

Exatamente. O dia está completamente limpo. Como poucas vezes no ano se pode ver. Em dias assim, o céu está límpido de um azul uniforme e perfeito.

Com a cabeça, ele assentiu, mostrando que entendia o que eu dizia, ainda que não enxergasse da mesma maneira.

- Nós vivemos por dias azuis assim. O azul mais calmo e mais límpido. Como a calma e a serenidade que devemos buscar na alma. Sem agitação alguma, seja de raiva ou uma inquietação qualquer. Tranquilos e em paz com o mundo como o céu acima de nós faz as pazes com a terra. Veja, na natureza, não crescem flores azuis. Porque o azul sairia do céu para se encontrar com as flores se ele tem o céu inteiro só para ele? Ele ainda tem seu lugar na água dos rios. Mostrando não só como é grande como também como é forte. Forte como a correnteza, que não abandona sua força ou sua tranquilidade por causa de nada. Você pode tentar, mas ela se recupera rápido. Você não pode abalar o azul. E aquele que carrega um pouco de azul dentro de si, você pode tentar, mas não poderá derrubá-lo. Porque ele vai se recuperar.

Por longos minutos, ele não disse nada novamente. Deixei que ele pensasse por quanto tempo precisasse. Não sei quanto foi necessário, mas sentia meus olhos pesados quando ele enfim respondeu:

- Eu tenho que ser mais azul. Não deixar as pessoas me abalarem. Me manter firme por quem eu sou. E pelo que eu quero.

- Sim. O azul é calma e também força por si mesmo.

- Eu quero ser mais azul.

- Acho que basta tentar. – Eu respondi.

Quando já estávamos são e salvos de volta a casa, para o fim do desespero de nossos pais, Rodrigo voltou a tocar no assunto.

- Amanda, pode me arranjar algo azul? Um cordão ou algo assim que eu posso carregar?

- Para que quer carregar algo azul? – Perguntei, rindo um pouco, mas ele estava sério.

- Como um lembrete para eu ser mais azul. Um pequeno suporte que vai ficar comigo.

Procurei pelo quarto que dividíamos, em busca de algo azul, meu ou dele. Havia roupas, mas ele recusou, não podia usar sempre a mesma roupa. Por fim, a única outra coisa azul que achei foi um cadarço extra de sapato guardado no fundo da gaveta.

- Deve servir. Amarra no meu pulso para mim?

Sem comentar nada, dei algumas voltas em seu pulso com um dos cadarços azuis. Olhei para o resultado.

- Ficou interessante. – Comentei.

- Eu gostei! – Exclamou ele.

A partir daquele dia, ele começou a anotar o significado das cores que já havia lhe falado a respeito em um caderno no qual também anotaria as cores que viriam depois. E, por mais estranho que parecesse, ele não deixou mais de carregar algo azul amarrado no pulso.

Capítulo 05 – Creme

Era quase fim de tarde quando eu voltava da escola para casa, dirigindo minha bicicleta. Fazia alguns anos que eu e Rodrigo havíamos desistido de pegar o ônibus. Andar de bicicleta nos trazia uma sensação de liberdade que poucas coisas do mundo trazem. Ainda que a minha escola fosse também técnica, eu fazia apenas o ensino médio nela. Era a melhor escola, embora ficasse um pouco mais longe de casa; eu demorava mais para chegar do que Rodrigo e não tínhamos mais a chance de voltar para casa juntos, mas era a melhor escola para eu frequentar e, desde que havia sido aprovada, era para o meu bem.

Quando chegava em casa, nossos pais tinham cinco minutos para me ver antes de voltar para o trabalho, mas era o suficiente. Perguntavam sobre como eu estava e depois, quando chegavam, à noite, conversávamos mais. Eu almoçava enquanto Rodrigo começava a fazer sua lição de casa ao meu lado na mesa da sala de jantar.

- Você não tem lição de casa hoje? – Perguntei, sentando-me com meu prato em uma das pontas da mesa.

Rodrigo brincava com as mãos, de frente para mim, na ponta oposta da mesa.

- Não, já acabei as minhas lições e trabalhos. Na verdade, não tenho mais nada para esta semana. – Respondeu ele, ainda brincando com as mãos.

Peguei meus talheres e comecei a comer, olhando para ele e esperando que ele dissesse algo mais.

- Eu te contei sobre a menina que entrou na escola há uns três meses atrás? – Perguntou.

- Eu não faço ideia. Que menina que é?

- O nome dela é Maria Clara. Já estuda na minha sala desde que chegou. Nós conversamos às vezes.

Já estávamos em meados de junho e em breve começariam as férias. Lembrava-me vagamente daquele nome. Maria Clara. Devia ser aquela menina que ele mencionava às vezes, que ajudava ele com algumas lições e com quem conversava esporadicamente.

- Sim, acho que sei quem é.

- Eu acho que nós somos amigos agora. Ela me convidou para ir ao cinema com o grupo de amigos dela. Vão umas cinco pessoas.

- É bom saber que fez amigos! Já falou com nossos pais sobre sair com eles?

- Ainda não. Vou perguntar a noite. Queria falar sobre isso com você antes.

- Não entendo porque, mas vou deixar que responda. – Falei e recolhi meu prato vazio da mesa.

Ele me seguiu até a cozinha e ficou apoiado na bancada enquanto eu lavava a louça do almoço.

- É a primeira vez que eu faço amigos. – Ele disse simplesmente.

- Sim, e venho esperando por esse dia desde que você tinha seis anos! – Respondi rindo.

- Não é engraçado! Eu estou falando sério!

- Eu sei que está! Mas sete anos é muito tempo.

- Deixe-me continuar! – Fiquei em silêncio, esperando, e ele continuou. – É que fomos sempre só nós dois. E eu não quero que você se sinta excluída.

- Eu deveria me sentir excluída? – Perguntei, fingindo confusão.

- Não. Mas o que você acha de eu ter amigos? E... você acha que eu consigo fazer isso? Eu não sei...

- Rodrigo, eu estou muito feliz de você enfim ter feito amigos. Sei que você não está me substituindo nem nada assim, você não precisa me dizer! E eu tenho certeza de que você consegue fazer qualquer coisa porque tem o poder das cores em você.

Ele brincou com o cadarço azul amarrado no pulso. Tão azul como ele nunca poderia ver.

- Eu só tenho o poder das cores porque você me deu as cores...

- Não, nem pensar! Você sempre teve tudo isso com você, eu apenas organizei para que você pudesse ver o que eu já via.

Abri o congelador e tirei um pote de sorvete de creme. Peguei duas tigelas e servi sorvete para nós dois. Então, falei, entregando-lhe uma das tigelas:

- Esse é um bom momento para uma cor. E essa cor é creme. Como esse sorvete.

- Creme? – Ele ficou confuso com a cor.

- Sim, creme. Sabe, quando eu era criança, eu só tomava sorvete de chocolate. Fui assim até os doze anos, acho que você se lembra disso. Eu recusava qualquer outro tipo de sorvete, não queria nem saber de experimentar outra coisa. Até que, aos doze anos, eu experimentei outro sabor pela primeira vez. Foi um sorvete de creme. E eu descobri que gostava mais do que de chocolate. E sabe o que eu percebi naquele dia?

Ele negou com a cabeça, tentando entender a história, sem querer quebrar o momento com palavras.

- Naquele dia, eu mudei de alguma forma. Eu mudei ao deixar que as mudanças tivessem um espaço na minha vida. Aceitando algo tão simples quanto um sorvete de outro sabor, eu havia amadurecido um pouco, eu estava tentando. Uma semana depois, eu fui aprender a andar de bicicleta. Eu caí muito, mas não desisti. Porque algo havia crescido dentro de mim, uma nova maturidade e ela tinha cor de creme. Eu estava crescendo e era aquilo que significava. Ainda que tivesse medo, ela era o equilíbrio de minha vida, a abertura para novas coisas que um novo mundo adulto traria. O creme equilibra nossas vidas para o crescimento como eu tive que aprender a me equilibrar para andar de bicicleta. Entende o que eu digo?

- Acho que sim. É uma cor mais complicada...

- Tudo isso foi para dizer que você está crescendo. E é normal ter medo. Mas uma vida equilibrada pede que a gente abra portas para as novas experiências que a idade deve trazer. Se não, ficamos estagnados. Fazer amigos é o seu primeiro passo em direção a uma vida mais adulta.

Terminamos de tomar o sorvete em silêncio. Então ele se levantou e recolheu nossas tigelas, levando-as para lavar e me dizendo:

- Obrigada, Amanda.

Eu apenas sorri. Ele ainda tinha apenas treze anos. A vida ainda ia tentar derrubá-lo muito. Mas enquanto ele continuasse buscando se equilibrar para não cair, tudo ficaria bem. E quando ele caísse, eu havia prometido a mim mesma que ele sempre poderia contar comigo para se levantar.

Capítulo 06 – Laranja

Já estávamos no fim das férias quando Rodrigo pediu aos nossos pais se poderia chamar sua amiga, Maria Clara, para ir almoçar em casa. Foi uma grande comoção, a primeira vez em que recebiam algum amigo do filho em casa! Minha mãe ligou para a mãe da menina para combinar tudo.

Maria Clara era filha única de pais divorciados: a mãe era solteira e a criava praticamente sozinha; o pai casou-se com sua madrasta e ambos tiveram um filho, meio-irmão de Maria Clara e quase nunca a viam. Era uma garota simpática com um sorriso fofo e ainda cara de criança.

O almoço se daria no domingo. Nosso pai preparava a comida enquanto nossa mãe preparava a salada e nós, eu e Rodrigo, colocávamos a mesa, a espera da menina e sua mãe para almoçarmos. Rodrigo perguntou-me várias vezes se sua roupa estava boa e combinando.

- Rodrigo, você nem ao menos tem roupas que não combinam! E não era como se fossemos deixar que você se vestisse de um jeito feio sem te contar que está feio. Agora pare de me perguntar isso!

- Eu estou um pouco nervoso, nunca chamamos ninguém para vir aqui.

- Não se preocupe, vai dar tudo certo. O segredo é comer devagar e tentar não se sujar. Mas isso serve para a vida toda.

La passar o resto do tempo até a campainha tocar no quarto e Rodrigo foi atrás de mim. Nós dividimos o mesmo quarto. Quando nossos pais compraram aquela casa eu não havia nem nascido e eles não imaginavam que dali a quatro anos pensariam em ter outro filho que, por acaso, seria um menino. E essa foi a consequência, mas nenhum de nós liga muito para isso.

Nossos pais até consideraram construir mais um quarto, mas Rodrigo não podia nem cogitar a ideia de dormir sozinho até os onze anos, porque tinha medo de ficar sozinho no escuro. Então, a gente foi levando e aproveitamos a companhia um do outro.

Sentei-me na escrivaninha que dividíamos, que ficava bem abaixo da janela e onde eu gostava de fazer minha lição. Eu estava em meu próprio dilema interno, de certa forma. Vinha sofrendo muita pressão, mais dos meus professores do que dos meus pais, para escolher uma carreira.

No último ano do ensino médio, com apenas metade do ano até os vestibulares, e eu ainda não havia decidido o que queria da vida. Para meus pais, era cedo para ter que escolher o que queria fazer pelo resto da vida. Para meus professores e colegas? Aquele era o maior absurdo que alguém no último ano poderia cometer.

O dia estava nublado, mas não parecia que ia chover tão cedo. Rodrigo batia o pé no chão insistentemente. Era seu tique nervoso.

- Você precisa se acalmar. Não sei do que tem medo.

- Eu também não sei. – Respondeu Rodrigo, e eu olhei para ele e sua expressão era vaga. – Acho que ainda tenho que me acostumar com isso de ter amigos.

Parei para pensar um pouco e então falei:

- É o seu momento laranja.

Rodrigo se empertigou.

- Eu não tenho laranja. Fale mais do laranja.

Ele pegou seu caderninho das cores do criado-mudo e abriu em uma página em branco.

- Pode-se definir laranja em três palavras simples: energia, amizades e abraços. Ele é quente como amigos e abraços de pessoas que você gosta. Te deixa animado e elétrico como presságio de fazer algo que gosta e vem esperando algum tempo para fazer. Como quando nossos pais prometeram nos levar ao parque de diversões e andar na montanha-russa e nos ficamos a semana inteira esperando por aquele momento, que foi o mais animado possível. É uma alegria agitada, diferente do amarelo, que é uma alegria mais calma.

- Laranja diz tudo sobre esse momento, então. – Refletiu ele, olhando para o caderninho que cabia na palma de suas mãos.

- Diz sobre muitos momentos da vida, porque em nossos momentos mais animados costumamos estar com pessoas que gostamos; amigos. E ele é quente como um abraço. Apenas não é um momento “abraço”. Mas é laranja, ainda assim.

- Quem sabe em breve eu não paro de ficar ansioso e passa a ser um momento amarelo...

Ele sorria. Estava feliz com a vida que levava. Com seus novos amigos. Estava simplesmente feliz, fosse de um jeito calmo ou agitado. E se aquilo estava certo, como o resto haveria de não estar?

Capítulo 07 – Marrom

O primeiro almoço foi bem. Os dias foram passando, as aulas retornaram, Maria Clara e Rodrigo ficaram bem amigos, assim como ele de seus outros amigos, e a mãe dela começou a se tornar amiga da família também. Eu passava a maior parte dos meus dias estudando, tentando me encontrar como os outros esperavam que eu fizesse. Mas não importava o que acontecia, eu sempre encontrava um tempo para ser e simplesmente estar com e pela minha família.

- Como foi a escola hoje? – Perguntou minha mãe, enquanto assistia ao jornal na televisão sem prestar muita atenção.

- Entreguei o trabalho de biologia e fiz prova de gramática. Acho que consigo uma nota boa em ambos. – Respondi.

- Já fez as lições de casa? – Perguntou meu pai.

- Terminei essa tarde. Se quiserem ver, eu posso ir buscar.

- Acho que não precisa. – Responderam, depois de se entreolharem rapidamente.

Chegou um momento em que meus pais pararam de olhar meu caderno porque não precisava. Eles confiavam em mim e em minha palavra que eu havia feito a lição. Minhas notas comprovavam que eu falava a verdade.

- Ainda tendo problemas com o professor de geografia? – Perguntou minha mãe, fazendo uma cara séria.

- Não. – Respondi rindo. – Depois que vocês conversaram com ele, nunca mais tivemos problemas.

O professor de geografia me odiava desde a primeira vez que me vira. Fazia questão de pegar no meu pé sempre que possível. Meus pais tiveram uma longa conversa com ele e com a direção a respeito do assunto e desde então ele se tornara mil amores comigo.

- Bom mesmo. – Falou minha mãe. – Você nunca fez nada de errado e ele não tem o direito de te tratar mal, com ou sem motivo!

Agora, minha mãe e o professor nutriam um ódio profundo um pelo outro. Mas eu sabia que ele tinha medo dela e das ameaças de ser processado por assédio moral. Por isso agora ele era legal comigo.

- E o Rodrigo? – Perguntou meu pai.

- Rodrigo! Vem aqui! – Eu gritei, esperando que ele ouvisse do quarto.

- Não grite! – Repreendeu minha mãe. – Levante-se e vá chamá-lo se quiser que ele venha.

- Tudo bem! – Respondi e me arrastei pelo corredor até o quarto.

Ele estava com o notebook aberto sobre a nossa escrivaninha. Bati na porta aberta apenas para que, pelo som, ele soubesse que eu estava ali. Ele olhou para mim um tanto sobressaltado e abaixou a tampa do computador apenas o suficiente para que ninguém espiasse a tela mesmo que se posicionasse atrás dele.

- O que está fazendo? – Perguntei.

Lentamente, ele tirou os fones de cima dos ouvidos com cuidado e os colocou sobre a mesa.

- Estão desligados, nem sei por que estava com eles. Eu estava... mexendo em algumas coisas.

Assenti com a cabeça. Rodrigo não era de esconder as coisas de mim.

- Tudo bem, então. – Falei e encostei as costas no batente. – Você não prefere ficar um tempo conosco?

Olhei e vi que batia com os dedos no tampo da mesa. Um de cada vez, indo e voltando, primeiro lentamente e cada vez mais rápido. Olhava pra o computador. Não me respondeu de imediato. Tinha algo em mente.

- Rodrigo... o que você está fazendo?

- Eu... estava escrevendo algo.

Esperei que ele continuasse. Ficamos alguns longos minutos ali em silêncio até ele se manifestar novamente.

- Não é nada, é só uma ideia que eu tive. Uma coisa para mim.

- Sendo assim, tudo bem. – Respondi e sorri.

Como todo mundo, ele tinha direito de ter coisas só para si. E não era segredo que ele gostava de escrever. Surgira como um passatempo que ele vinha cultivando com tempo e carinho, de forma que apenas crescia. O que ele faria com aquilo e em que se tornaria? Deixaria de ser apenas um passatempo? Eu não tinha a menor ideia. Provavelmente, Rodrigo também não.

- Vou deixar que você termine. Depois você vem se juntar a nós?

- Sim, eu vou. – Ele sorriu e voltou-se novamente para a tela do computador.

Voltei para a sala e disse que ele estava ocupado com algumas coisas dele; meus pais não fizeram mais perguntas, se não estava com problemas, que fizesse as próprias coisas quieto. Aqueles eram meus pais.

Ficamos algum tempo em silêncio assistindo o jornal da noite, com comentários esporádicos em alguns momentos. Minha mãe assistia apenas com metade da atenção: a outra metade era voltada para a preparação do jantar, além do que, ela não era daquelas que gostava de assistir o jornal.

Quando a comida enfim ficou pronta, nós jantamos e conversamos sobre assuntos mais cotidianos. Eu já havia falado um bocado sobre mim no tempo que antecedeu o jornal, então fiquei em silêncio enquanto Rodrigo conversava com nossos pais sobre seu dia. Eles perguntaram sobre Maria Clara e a lição de casa. Meu pai contou uma história engraçada sobre um homem do trabalho dele e minha mãe fez comentários mais engraçados sobre os pontos da história.

Assim, levamos nossas vidas. De um jeito tranquilo; de um jeito pacato. Essa é minha família e o clima leve e acolhedor que acompanha nossos dias. Nós não precisávamos de mais nada. Naqueles momentos, fomos felizes e era o suficiente.

Mais tarde naquela noite, eu deveria estar dormindo para acordar cedo no dia seguinte para ir para a escola, mas não conseguia pegar no sono. Rodrigo voltara para o computador e trabalhava fervorosamente naquilo que fazia. Seus dedos batiam constantes nas teclas em um ritmo reconfortante, com algumas pausas repentinas em alguns momentos em que ele parava para pensar.

- Você deveria ir dormir. – Sussurrei na escuridão. – Se nossos pais acordam e te veem no computador...

Alguns minutos se passaram antes de ele responder; ele demorava para se desconcentrar de algo.

- Só mais um pouco, vou terminar isso daqui.

Não sei quanto tempo se passou; o tempo passa de um jeito diferente quando você está parado pensando enquanto olha para o teto. Mas ele desligou o computador e se deitou antes que eu conseguisse dormir.

- Rodrigo? – Chamei baixinho, algum tempo depois, para não acordá-lo caso já dormisse.

- Estou acordado. Não consigo dormir. – Ele sussurrou de volta e se sentou na cama.

- Por que não? – Perguntei, sentando-me também.

Daquela forma, ficávamos um de frente para o outro, o parco brilho da lua e da rua iluminada lá fora atravessava o vidro da janela e jogava uma luz tênue sobre nós que permitia que nos distinguíssemos da escuridão, porém, mal passávamos de vultos sentados no escuro.

- Eu não sei. Apenas fico pensando em coisas e não consigo me obrigar a parar. – Ele fez um som com o nariz que lembrava uma risada. – E você? Também não consegue dormir?

- Não. Apenas fico lembrando de coisas aleatórias e não consigo me obrigar a parar. – A risada que eu dei em seguida fez o mesmo som da dele, e rimos novamente em voz baixa disso. – No que você estava pensando?

- Nas coisas que escrevo. Na escola. Em algumas músicas. Em Maria Clara. Nas cores... – Pelo silêncio reticente, ele havia se perdido em algum pensamento. – Você estava pensando no que?

- Eu estava pensando nas cores também. – Dei uma risada. – Eu dei uma definição para aquelas que considerava mais importantes ao longo do tempo, planejando contar todas elas para você quando você crescesse. Hoje, me pergunto se algumas delas não são tolas demais.

- Eu gosto delas como elas são. Fazem sentido. São curiosas. Eu gosto das suas cores. Eu sorri. Então, pensei em algo.

- Acho que esse vai ser o ano em que vai ganhar todas as cores. É uma idade de descoberta de emoções e sensações e assim são as cores: a manifestação visual das emoções. Ao menos, é assim que eu entendo.

- É uma boa metáfora, eu gostei. – Ele riu. – As cores são as manifestações visuais das emoções. Eu espero ganhar todas as cores logo...

- Que tal uma cor? – Perguntei.

- Agora? – Ele perguntou, rindo um pouco. – Tudo bem...

- É que eu estava pensando sobre as coisas que você disse estar pensando. Todas elas têm uma coisa em comum: são as constantes na sua vida. A escola, as músicas que escuta, escrever e, agora, Maria Clara.

- Tem uma cor para isso?

- Pode simbolizar isso também. É o marrom.

- Marrom... parece uma boa cor. O que mais pode simbolizar?

Ele se remexeu um pouco na cama, abraçando os joelhos e se atentando ao que eu diria.

- Marrom é algo que é constante na sua vida, como ter a terra sobre os pés. E é, também como a terra, o conjunto das coisas sólidas e seguras que te mantem firme. São

aquelas coisas ou pessoas que são como seu chão, que te fazem se sentir melhor e estão lá quando você cai.

- Você é marrom, Amanda. – Ele disse e riu de si mesmo.

- O que? – Eu ri também. – O que quer dizer com isso?

- Você é quem me ajuda a sentir-me melhor quando alguma coisa não está bem. E você está sempre aqui. Você e nossos pais; todos marrons.

Dando risada, eu bocejei. Já deveria ser muito tarde.

- Melhor irmos dormir. Temos que acordar cedo amanhã.

- Você tem razão...

- Boa noite, Rodrigo.

- Boa noite, Amanda.

Capítulo 08 – Roxo

O último bimestre começava, em breve eu estaria completando o ensino médio; haveriam as provas de entrada para as faculdades e universidades. Eu não havia me inscrito em nenhum exame além do ENEM: o Exame Nacional do Ensino Médio. Com ele, planejava entrar em alguma faculdade federal e, graças ao modo como funcionava, eu não precisava escolher o curso que queria tão cedo. Eu estava estagnada: não fazia a menor ideia do que queria fazer da vida.

Rodrigo, por sorte, parecia que não teria que passar por aquilo. Ele vinha escrevendo. Escrevia bastante. Não era algo recente ele gostar de escrever. Ele mantinha um tipo de diário, que preferia chamar de “caderno de pensamentos”, no qual eu só sabia que ele desabafava; eu não ousaria jamais tentar ler.

Eu, desde criança, sempre fora uma leitora voraz; Rodrigo acabou sendo influenciado por mim e começou a ler também. E desde que começara a ler histórias de ficção e fantasia, ele começara a ver a escrita de um jeito diferente. Começara a escrever histórias. E gostava disso.

Um dia, eu estava sentada em minha cama lendo um livro; Rodrigo batia o pé nervosamente no chão. Subitamente, então, ele se virou para mim e perguntou:

- Você acha que as pessoas vão gostar das coisas que eu escrevo?
- Bem... você nunca vai saber se não mostrar para ninguém.
- Você acha que eu devo mostrar para as pessoas?
- Eu acho que você deve fazer o que achar melhor. – Falei, sorrindo.
- Mas... e se as pessoas não gostarem?
- Acho que aí você tenta outras pessoas.
- Mas...

Olhei bem para ele e perguntei:

- Rodrigo, você está com medo do que?
- E se eu mostrar para os meus amigos, por exemplo, e eles não gostarem?
- Eles são seus amigos. Independente de eles gostarem ou não, você pode falar com eles sobre isso e eles vão respeitar o seu trabalho e o que você gosta de fazer. Se eles são realmente seus amigos e gostam realmente de você, eles vão respeitar suas escolhas e o que você é.

- Sim, faz sentido...

- Além do que, independentemente de quem seja ou o que faça, nós sempre devemos respeitar as outras pessoas. Respeito é o mínimo que nós devemos a todos. Respeitar o direito, o espaço, as opiniões, os sentimentos; não precisa concordar para respeitar, apenas entender que tem coisas que não são da sua conta e não lhe dizem respeito aprovar ou não. Você pode não concordar com uma pessoa sobre gosto musical, por exemplo, mas deve respeitar que aquele é o gosto dela e ela tem todo o direito de gostar daquele tipo de música.

Ele assentiu com a cabeça.

- Você está certa.

Eu bufei e rolei os olhos.

- Eu sempre estou certa!

GL

Nós dois rimos e então ele me perguntou:

- Tem uma cor para o respeito?
- Roxo é a cor do respeito. Também é a cor da nobreza, mas nem sempre dá para se ver em todos os sentidos de todas as cores, não é mesmo?
- Obrigada, Amanda.
- Pelo que? – Perguntei.
- Não sei, acho que por tudo. – Ele sorriu fracamente.
- Bem... de nada.

Capítulo 09 – Rosa

Quando cheguei em casa naquela tarde, meus pais já haviam saído e havia um caminhão de mudança na frente da casa do vizinho. Ainda assim, não parecia haver ninguém por perto. Entrei em casa e fui para a cozinha almoçar; Rodrigo parecia ansioso em me contar alguma coisa.

- Oi, você viu o caminhão de mudanças na frente da casa do lado?

- Sim. – Eu respondi. – A casa de verão dos Souza; eles decidiram vendê-la?

É estranho pensar que algumas famílias não tem casa nenhuma e outras têm casas de verão ou de campo. Os Souza tinham dinheiro, mas não eram nenhuma grande família abastada: pai, mãe, dois filhos homens, uma casa na capital onde trabalhavam e se estressavam, uma casa numa pequena cidade do interior onde relaxar e passar férias e feriados; à primeira vista, eles eram a família tradicional dos padrões ultrapassados, mas logo que os conhecia, via que não era bem assim.

O Sr. Souza era o homem que abandonara o trabalho quando os filhos nasceram para cuidar deles. Ele limpava, passava, cozinhava; fazia as camas e o lanche para a escola. Eu já o havia visto mais de uma vez usando um avental de babados com os dizeres “Pai Nº 1” bordado: um daqueles presentes com muita tinta colorida e estranhos de dia dos pais planejados pelas escolas.

A Sra. Souza era bem mais velha que o marido. Ela teve um casamento anterior, antes do Sr. Souza, um babaca (palavras dela) com quem é grata de não ter tido filhos (aparentemente, ele não servia para lidar com a existência de coisas que fugiam ao próprio umbigo). Ela trabalha em uma grande empresa, na qual não sei o que ela faz e nem do que é a dita empresa; na verdade isso nem me interessa, só sei que a situação favorável deles é daí.

O filho mais velho, Alberto, saiu de casa para morar em uma república na universidade onde estuda Marketing Digital, dirige uma moto lata-velha e trabalha em uma loja de objetos usados. Ele é, de longe, a pessoa mais peculiar que eu já vi; desde os gostos mais diversos até como se veste, com muitas estampas de bolinhas combinadas e cores chamativas.

Já o caçula é João. Da minha idade, é o oposto de Alberto. Muitas roupas na cor preta e marrom, cores neutras; gostos mais específicos, para músicas, livros e cinema. Por razões óbvias de ser menor de idade, a única coisa que ele chega mais perto de dirigir é sua bicicleta.

A família Souza. Fazia mais de quatro anos que eles não apareciam mais por ali. Depois do que aconteceu, eles nunca mais voltaram para lá. Acho que, de alguma forma, eles se culpavam.

- Eles não venderam a casa. Eles estão se mudando para cá.

- Ah, é? – Perguntei, pouco interessada, entre uma garfada e outra do meu almoço.

- É. Eles vão ser nossos vizinhos permanentemente agora.

- Nossa, que coisa... diferente.

Eu gostava dos Souza. Realmente gostava. Por muito tempo, João foi o único amigo que eu tive. Mas então as coisas deram errado e eles já tinham sumido quando eu finalmente voltei para casa, e nós nunca mais nos vimos. Aquilo me magoou. Ninguém

avisou, mandou um recado, um e-mail ou ligou. João me deixou sozinha. E quatro anos depois, não dava para dizer que nós nos conhecíamos.

- Você está bem? – Rodrigo quis saber.

- É. Eu estou bem.

Olhei para Rodrigo, mexendo nervosamente com as mãos.

- Ei. Você não tem lição de casa? – Perguntei.

- Eu tive um horário vago hoje de manhã; aproveitei para fazer a lição que tinha.

- Tudo bem, então.

Havia outra coisa que ele queria contar. Continuei comendo silenciosamente, esperando ele encontrar as palavras para o que queria dizer.

- Tinha uma coisa que eu queria falar com você sobre, acho que você poderia me dar um conselho sobre isso...

- Se for sobre seu corpo mudando, eu não posso te ajudar, pergunte para o nosso pai.

– Respondi, adiantando o assunto.

- Não é sobre isso! – Ele exclamou, por pouco não ficando corado. – É outra coisa!

- Sendo assim, acho que pode falar.

Eu dei risada e ele me olhou feio, continuando a falar:

- Eu estou gostando da Maria Clara.

Dei de ombros, não entendendo no que ele queria chegar.

- Mais do que como amigo, sabe?

Eu sabia do que ele estava falando, mas ainda assim, não entendendo o que ele queria de mim.

- E eu acho que ela gosta de mim também.

- Isso é bom. – Eu falei. – Nem todo mundo tem sorte de ser correspondido.

- Mas... eu não sei o que fazer. Eu devo contar para ela? Tipo... como eu me sinto?

- Pense que se contar e ela gostar de você também, vocês provavelmente vão namorar e tentar ser felizes.

- Mas e se ela não gostar de mim desse jeito?

- Acho que ainda assim vocês podem ser amigos.

Ele passou mais algum tempo pensando.

- Sabe, é normal você se sentir assim.

- Com assim, você quer dizer inseguro?

- Também. Mas é normal se apaixonar. Você acabou de entrar na adolescência. Se ela não estiver apaixonada por você, em um momento vai passar e você vai se apaixonar por outra pessoa, até que uma delas vai te corresponder. Provavelmente.

Rodrigo riu com a última palavra, mas de um jeito nervoso. Em seguida, perguntou:

- Você já se sentiu assim?

- Com assim, você quer dizer insegura? O tempo todo!

- Não! – Ele riu. – Eu quis dizer... você já se apaixonou?

- Na verdade... não.

- Nunca? Nem um pouquinho?

- Nem um pouquinho. – Respondi, enfim terminando de comer e indo lavar a louça.

Rodrigo me seguiu até a cozinha.

- Por que não?

- Não sei. Talvez apenas não seja para mim. Apenas nunca aconteceu. E eu não realmente quero que aconteça. É um sentimento que acho que não me faz falta.

Ele me ajudou com a louça e ficou um tempo em silêncio, pensando sobre isso.

- Você não teve nem mesmo alguma coisa com... você sabe... o...

De volta. Eu sabia que ele estava se referindo a João.

Inicialmente, eu e João tínhamos uma amizade sazonal. Éramos melhores amigos de verão, durante os meses que ele passava sendo meu vizinho, e então tudo acabava quando ele voltava para sua cidade e tínhamos que voltar a nossas vidas habituais e ligeiramente solitárias.

Mas isso foi até eu ter um computador e, depois, um celular. Assim, João e eu começamos a nos comunicar durante o ano inteiro: mensagens de bate-papo, mensagens de texto, às vezes até, muito raramente, ligações. Foi assim que nos tornamos amigos de verdade. E depois de algum tempo, quando tínhamos cerca de uns onze anos, João confiou em mim o suficiente para contar que era homossexual.

- Totalmente não. Eu realmente nunca me apaixonei por ninguém. Nem um pouco.

Ele pareceu entender, então, e deu de ombros. Terminamos de lavar a louça em silêncio. Depois, eu continuei:

- Mas, só porque nunca aconteceu comigo, não quer dizer que eu não possa tentar te falar um pouco sobre o que eu sei sobre paixão, se você achar que ajuda.

Seguimos para o quarto, eu me sentei de pernas cruzadas na minha cama e ele esticou as pernas na própria. Rodrigo deu de ombros, em seguida dizendo, com um pequeno sorriso:

- De toda forma, me conte o que sabe.

- Rosa. – Comecei.

Ele pegou seu caderninho de cores assim que percebeu para que ponto estávamos indo.

- Rosa. – Ele repetiu.

- Acho que um dos principais significados conhecidos é a ternura e o carinho. Como as mulheres costumam demonstrar mais esse lado, muita gente acha que o rosa é uma cor feminina, mas não tem nada a ver. Qualquer pessoa pode ser carinhosa ou terna. Vai da personalidade, não do gênero. O outro significado, acho que complementa esse: paixão romântica. A paixão romântica de que estou falando é esse sentimento que você está sentindo. Pode ser uma atração intensa e envolver coisas das quais não falaremos para evitar constrangimento, mas envolve carinho e ternura. Pode ser uma emoção, uma certa adoração ao sujeito por quem se está apaixonado. É afeto, querer estar com aquela pessoa, talvez construir uma relação, ser feliz com ela.

Rodrigo me ouvia com atenção e anotava minhas palavras.

- Talvez seja um pouco confuso e como você está sentindo isso, talvez entenda e consiga expressar melhor que eu. Talvez nem todo mundo concorde comigo, também, mas, para mim, a cor rosa simboliza esse sentimento: o carinho, a ternura, a companhia romântica, o envolvimento. Paixão tem muitos significados: esse... é apenas o meu.

- É um bom significado.

- Acho que está longe de ser o ideal. – Falei, com uma risada.

- Mas não precisa ser. Basta que ele seja nosso.

Eu sorri. Rodrigo estava crescendo. E eu ficava feliz em ver a pessoa que ele estava se tornando.

No dia seguinte, João estava na frente da própria casa quando eu cheguei da escola. Ele estava apenas lá, sentado na grama, olhando para o nada. Quando me viu, sua expressão mudou para algo que não consegui entender o que era. A rua era inclinada e eu puxava minha bicicleta ao meu lado pela subida até o portão de casa, para dentro da garagem.

João se levantou, saiu de casa e veio diretamente até mim. Eu era muito alta e João por pouco não era menor que eu. Ele ficou por um tempo ali, na minha frente, eu segurando minha bicicleta, nos olhando nos olhos em completo silêncio. Então, ele me abraçou. Sem aviso, sem pedir, ele apenas me segurou firme com os dois braços, me fazendo derrubar minha bicicleta.

Em meu ombro, ele começou a soluçar e eu vi que ele estava chorando. Coloquei as mãos sobre suas costas, desconfortável com o que estava acontecendo, mas com pena e confusa, tentando consolá-lo por seja lá o que fosse.

- Eu sinto muito, Amanda. Eu sinto muito mesmo. Foi tudo culpa minha! Eu estraguei tudo.

Aí, eu entendi o que era tudo aquilo. Ao longo de todos aqueles anos, ele havia ficado se culpando pelo que aconteceu, por causa do acidente, por ter me abandonado. Ele achava que era culpa dele.

- Não sinta, não sinta. – Fiquei repetindo, tentando confortá-lo. – Não foi sua culpa. Você não quis que acontecesse. Você não me jogou na frente do carro. Foi um acidente.

- Se eu não tivesse levado você lá, nada teria acontecido. Você quase morreu por causa daquilo. – Ele soluçou mais forte.

- Mas eu não morri. Eu estou bem. Eu vivo perfeitamente bem.

Depois de algum tempo em silêncio, ele disse:

- Desculpe por ter te deixado sozinha, também; por não ter estado aqui com você nesses anos.

- Está tudo bem. O que importa é que você está aqui agora. Nós dois estamos.

Quando enfim entrei em casa, depois de guardar minha bicicleta, vi meus pais, que já deviam ter saído para o trabalho, ainda ali, junto com Rodrigo. Eles haviam visto a cena toda pela janela, ainda que só tenham ouvido alguns pedaços.

- Estou orgulhosa de você, Amanda. Foi muito bonita sua atitude. – Disse meu pai.

- Sim. Você lidou muito bem com a situação. – Completou minha mãe.

Os dois me abraçaram antes de saírem apressados. Rodrigo sorria de um jeito bobo. Perdido em pensamentos, ele disse:

- Isso daria uma boa cena em uma história. É simples, mas tem uma beleza e maturidade subjetivas.

- Não foi grande coisa, vocês estão fazendo disso um grande caso.

- Não, você que está fazendo pouco caso. Uma parcela de culpa foi dele, você realmente poderia ter morrido, e ele realmente te magoou indo embora sem nunca mais falar com você depois de tudo isso. Mas você o perdoou mesmo assim. Você o consolou enquanto ele chorava de remorso. Se isso não foi um gesto bonito, eu não sei o que é.

Balancei a cabeça, sorrindo, e fui almoçar. Rodrigo foi para o quarto pegar a lição de casa para me acompanhar, mas antes, disse:

GL

- Ah, tem uma coisa que eu preciso te contar. – Ele sorria tanto que daria para contar todos os seus dentes.

- Pois conte!

- Eu e Maria Clara estamos namorando!

- Que bom! Tomou coragem de dizer para ela como se sentia? – Perguntei.

- Na verdade não. – Ele disse, passando para um sorriso mais tímido. – Foi ela que chegou e me disse que gostava de mim. Eu disse que sentia o mesmo por ela e ela me pediu em namoro.

- Fico feliz que tenha dado tudo certo.

- Sim. Eu também.

Então, ele foi buscar a lição de casa.

Capítulo 10 – Vermelho

Nossos pais nos ensinaram a andar de bicicleta quando tínhamos doze e oito anos. Como nossa casa era longe do centro da cidade e poucas pessoas moravam por ali, era difícil terem carros circulando por ali e, por causa da região ser mais íngreme, eles sempre estavam a uma velocidade bem lenta. Eu e Rodrigo ficávamos subindo e descendo as ruas do nosso bairro, nos venturando em ruas de terra nas quais ninguém morava, explorando a região; tanto que foi dessa forma que encontramos o desfiladeiro.

Eu tinha acabado de fazer treze anos e nunca havia ido até o centro da cidade de bicicleta. João, então, propôs que fossemos alugar um filme e comprar coisas para comer para passar a tarde junto com o Rodrigo, naquele verão. Avisei meus pais e fomos os dois com nossas bicicletas.

Fomos atravessar a rua em um momento e vinha um carro, mas ele devia estar indo muito mais rápido do que imaginávamos. João disse para mim:

- Vamos, dá tempo de atravessar; rápido!

Ele acelerou com tudo, chegando do outro lado da avenida. Eu o segui no que ele se atirou em direção a rua, mas não consegui ir tão rápido.

- Venha, Amanda! – Ele disse, rindo.

João conseguiu chegar na outra calçada. Eu não.

O impacto, o metal e meu corpo se amassando um contra o outro, o lado esquerdo do meu corpo em chamas e meu mundo ficando nublado. O que aconteceu depois eu me guio pelo que as pessoas me contaram.

Não havia muita gente nas ruas, mas as pessoas saíram de dentro dos comércios ao ouvirem o grito de João. O carro passou por mim, me atirando longe, continuando por vários metros antes de parar. João se aproximou de mim, tentando ver se eu ainda sequer respirava. Uma pequena multidão de gente começou a se aglomerar, entendendo o que havia acontecido. O motorista desceu do carro, parecendo alcoolizado. Ele suava, passava as mãos pelo rosto.

João chorava, sussurrando que era culpa dele, sabendo que eu só havia atravessado a rua porque confiara quando ele disse que daria para atravessar, que isso não teria acontecido se ele tivesse tomado mais cuidado. Alguém gravou a cena toda com o celular. O açougueiro do mercado socou o motorista e, junto com algumas pessoas, o mantiveram sentado na calçada; ele tentara fugir quando mencionaram chamar a polícia.

Uma das caixas do mercado ligou para a ambulância. Uma amiga dos meus pais que estava fazendo compras ligou para eles. A ambulância me chegou e me tirou da cena. Eu fui levada embora sozinha, deixando as pessoas espantadas pela violência incomum naquela cidade para trás. Pouco depois a polícia chegou e prendeu o homem.

Os médicos fizeram alguns exames e constataram que, dentre as lesões que eu tinha sofrido, eu tinha rompimento no baço. Eu fui encaminhada para o hospital mais próximo, que ficava na outra cidade, mais de uma hora de viagem nas condições normais. Novamente, avisaram meus pais.

No hospital, avaliaram novamente a situação; era grave. Me encaminharam para a cirurgia. Removeram completamente meu baço.

Quando eu acordei, eu estava confusa. Tinha algumas escoriações no rosto, um galo na cabeça, meu braço esquerdo estava quebrado. E eu não tinha mais baço. Mas eu estava bem. Eu ficaria bem.

O primeiro rosto que encontrei foi o de Rodrigo. Ele me olhava de um jeito meio assustado. Quando nossos pais se afastaram para falar com o médico, ele me confidenciou, em um sussurro um pouco mais alto que uma respiração:

- Eu achei que você não ia mais acordar.

Com dificuldade, eu consegui responder:

- E deixar você, a mãe e o pai? Não, eu jamais faria isso. Eu nunca vou abandonar vocês.

- Promete? – Ele perguntou.

- Eu prometo. Eu nunca vou te abandonar.

Eu não lembro quanto tempo fiquei internada, mas pareceu uma eternidade. Quando fui liberada e voltei para casa, não havia mais sinal dos Souza. A casa estava vazia, até os enfeites de jardim haviam desaparecido. Parecia que a casa não era habitada fazia anos.

Tentei mandar e-mail para João e ligar para ele, mas ele nunca me respondeu. Depois de algum tempo, eu parei de tentar. Eu me recuperei de todas as feridas físicas. No fim, restaram apenas as emocionais. Ao longo dos anos, algumas eu consegui curar. Mas havia algumas com as quais eu apenas consegui aprender a conviver.

Rodrigo ganhou uma cor naquele ano. Mas não foi algo que eu contei para ele, como costumávamos fazer. Eu escrevi em uma carta.

“Vermelho é a cor que você sente quando está com raiva de alguém. Mas também é a cor de quando você ama alguém. Parecem coisas tão diferentes, misturadas em uma mesma cor. Mas são fortes, pulsantes como o próprio sangue vermelho em nossas veias; são sentimentos que correm nas veias, que movem nossas vidas. Algumas pessoas são, sim, movidas pela raiva. Mas devemos tentar não nos tornarmos esse tipo de pessoa. Devemos pelo menos tentar. A raiva nos destrói e o amor nos cura. Por isso, devemos tentar ter amor pulsando em nossas veias. Para manter nossas almas sãs. Para tornar o mundo um lugar bom. Se for para ser vermelho, que seja por amor. E se o sangue jorrar, que seja sem raiva. E se for para viver, que seja com a alma. E se for para perdoar, que seja com sinceridade. É assim que eu tento viver. Essa sou eu. Se for para ser, eu quero ser colorida. Mas se só pudesse ser um, seria vermelho.”

Eu pensei em deixar essa carta em cima da cama dele. Mas depois de ler e reler minhas palavras, lembrei que ele ainda era uma criança. Aquilo era muito intenso para ele. Então eu guardei a carta para dar a ele no futuro, quando ele pudesse entender melhor.

Até hoje, a carta ainda está na minha gaveta. Nunca cheguei a dar para ele.

Um dia. Quando ele estiver pronto.

Quando ele precisar.

Capítulo 11 – Verde

O aniversário de Rodrigo foi no mês seguinte ao do ENEM.

Eu corrigi as minhas provas de acordo com o gabarito oficial, lançado poucos dias depois. Meus acertos foram de 126 de 180 questões, o que era muito bom. Todos ficaram muito felizes com meu resultado. Tudo indicava que eu teria notas boas; com elas, mais portas se abririam para um futuro promissor.

Na escola, as provas já haviam acabado, praticamente não íamos mais; restava apenas algum tempo há quem precisasse recuperar nota, o que estava longe de ser nosso caso. Estávamos quase nas férias, mas nossos pais ainda tinham que trabalhar. Como o aniversário de Rodrigo seria em uma segunda-feira, nossos pais decidiram comemorar em família no domingo e deixar a segunda para que ele fizesse alguma coisa com os amigos.

Então, nós fizemos um jantar com a nossa família na casa da nossa avó. Fizemos uma grande bagunça na cozinha dela, fazendo o bolo e enrolando os docinhos, parte para aquele dia, parte para servir para os amigos de Rodrigo no dia seguinte. Eles iriam até a nossa casa para assistir filmes e comer besteiras.

Mesmo com nossa mãe coordenando a produção dos doces, nós conseguimos fazer uma sujeira enorme com farinha e chocolate. Enquanto isso, nossa avó fazia o jantar. Nosso pai ajudava, de forma que a comida ficasse no tempero certo, uma vez que a avó sempre errava a mão nesse sentido.

Nossa avó passou um longo tempo perguntando sobre Maria Clara, como ela era, onde estudava, o que queria da vida, quando poderia conhecê-la. Teve momentos em que parecia necessário lembrar a nossa avó que eles só tinham catorze anos; era muito cedo para presumir que eles ficariam um longo tempo juntos e construiriam vidas de futuros brilhantes juntos. Só o que importava era que, naquele momento, eles eram felizes juntos.

Nós jantamos, comemos os doces. Em seguida, nossa avó deu seu presente a Rodrigo: um sapato novo.

- Nossa, que legal! – Ele exclamou, olhando as formas modernas do tênis. – Que cor é?

- É cinza. – Disse nossa avó com um sorriso.

- Muito obrigada, vó! Eu gostei muito! – Ele respondeu, sorrindo e abraçando-a.

Não ficamos muito tempo depois disso porque nossa avó sempre dormir muito cedo. Então, pegamos os doces e fomos para casa. Assim que eu deitei minha cabeça sobre o travesseiro, eu adormeci.

No dia seguinte, nossos pais acordaram a gente cedo, mesmo com nossos planos de matar aula para comemorar o aniversário de Rodrigo, a fim de fazer a entrega dos presentes antes de irem trabalhar.

Um bom tempo atrás, havíamos conversado sobre os presentes antes de compra-los. Meus pais decidiram se juntar para comprar para ele um presente que custaria um pouco mais caro: um leitor digital de livros. Eu havia ganhado um no último Natal e ele experimentou e gostou muito. Ele ainda não lia tanto quanto eu, mas estava no caminho, então era o presente ideal.

O meu presente foi um pouco mais difícil, não de escolher, mas realmente de encontrar para comprar.

Rodrigo adorava máquinas de datilografia; no fundo, eu sabia que era seu maior sonho de consumo. Mesmo que ele não falasse muito sobre isso nem falasse sobre o quanto queria, eu via o brilho nos olhos dele quando ele via fotos ou uma aparecia em algum programa de televisão. Minha missão: encontrar uma.

Minha busca me levou até outra cidade, onde encontrei uma loja que vendia todos os tipos de máquinas antigas, como máquinas de calcular e máquinas de datilografia. Era um lugar pequeno, mas com máquinas expostas em prateleiras e balcões de vidro.

Um senhor simpático me atendeu e deixou eu experimentar várias das máquinas. Eu estava em dúvida entre três, mas acabei escolhendo a mais bonita, da qual eu não conseguia tirar os olhos. Achava que Rodrigo iria gostar mais dela. Ela não era completamente verde, a cor era ligeiramente puxada para o azul, mas ainda assim era perfeita, em perfeito estado, acompanhada da maleta original.

Carregando a máquina, voltei para casa. Deixei-a na casa da minha avó até Rodrigo sair para que eu a escondesse em casa, e então, lá estava ela, escondida na parte de trás do maleiro no meu armário.

Quando recebeu o presente de nossos pais, Rodrigo ficou dando pulos de alegria pelo nosso quarto. Nós ficamos um tempo rindo juntos enquanto ele comemorava e agradecia nossos pais repetidas vezes. Então, ele olhou para mim e eu decidi pegar meu presente. Meu pai tirou do maleiro para mim e me deu. Eu então passei para ele a grande caixa de papelão embrulhada com papel de presente de balões sorrindo.

Ele pegou a caixa, confuso e surpreso pelo tamanho e o peso, e sentou-se na cama para abri-la. Ele tirou a maleta de dentro com cuidado e a abriu. Ele estava sem palavras, encarando a máquina de datilografia. Ele se levantou e me abraçou, sussurrando:

- Obrigada, Amanda.
- Então você gostou? – Perguntei, sorrindo.
- Eu gostei muito. – Ele respondeu, também sorrindo.
- Bem... de nada, então.

Nossos pais então foram trabalhar. Falaram que eu iria cuidar da casa, para ficar de olho nos adolescentes e tudo o mais e saíram depois de desejar feliz aniversário para Rodrigo mais uma vez.

Os amigos dele chegaram: Raphael, Carla, Fernando, Alexandre e Maria Clara.

Raphael me chamou atenção. Ele tinha grandes olhos azuis e usava um chapéu que parecia uma boina. Seu presente para Rodrigo foi simples: em uma pequena caixa, bem embrulhados, havia uma resma de papel, uma fita para máquinas de datilografia e um corretivo. O garoto olhou para mim e piscou, como se soubesse de algo. Eu, apenas fiquei chocada. Como ele poderia saber? Rodrigo não sabia.

Logo essa questão foi colocada de lado conforme seus outros amigos lhe davam presentes. Ambos Alexandre e Fernando lhe deram livros; Carla deu uma camiseta de uma banda que ele gostava e Maria Clara deu uma pulseira masculina muito bonita e azul que nem o cadarço que ele usava amarrado no pulso.

Rodrigo estava sentado no meio da sala e os amigos estavam envolta dando os presentes; eu estava mais para trás, sentada no sofá e assistindo a cena toda. Maria Clara pareceu meio envergonhada ao me olhar e depois olhar o próprio presente, ao ver a expressão que Rodrigo fez depois de eu comentar que eram do mesmo azul.

Aquele cadarço tinha mais significado para Rodrigo do que para mim, afinal, eu dera as cores para ele fazer o que quisesse com elas. Por isso, não entendi se Maria Clara estava se perguntando se aquilo era alguma coisa nossa e se arrependeu do presente. Mas não era o caso. Ele amarrou a cor no pulso. Se desfazer do cadarço para substituir pela pulseira de Maria Clara não mudava o simbolismo que usar azul tinha para ele.

Maria Clara ainda iria entendê-lo melhor um dia; a expressão de surpresa dele foi em um bom sentido. Ele realmente não esperava e nem nunca tinha pensado naquilo. Rodrigo desamarrou o cadarço com cuidado do pulso e colocou a pulseira no lugar.

- Você gostou? – Ela perguntou.

Ele sorriu.

- Eu gostei, é muito bonita. Obrigado.

Ele deu um selinho nos lábios dela e então guardou o cadarço no bolso. Agora ele tinha algo melhor da cor azul para carregar, mas ainda sim guardaria o cadarço; era uma lembrança boa.

Sentei com ele e comemos e assistimos um filme. Eu apenas ouvia a conversa deles e ficava rindo às vezes das coisas que diziam. Era fácil para mim esquecer como eram adolescentes. Talvez porque eu não era como eles ou tinha o que eles tinham naquela idade. Eu não era tão feliz. Ver que eles simplesmente sendo tão felizes... me deixava feliz também.

No fim da tarde, depois de abraços e tapinhas nas costas, eles se foram pouco tempo antes de nossos pais chegarem. Nós jantamos e depois eu fui tomar banho. Quando eu saí, cheirando xampu e usando meu pijama de flanela, Rodrigo lia a carta que eu havia lhe dado de aniversário. Eu havia colocado ela junto com a máquina, dentro da mala.

“Sabe, Rodrigo, alguns usam expressões como ‘verde de inveja’, ou até mesmo ‘verde de fome’ para falar do verde, mas eu o vejo de uma maneira diferente. O verde está em toda a parte da natureza, é a cor da grama e das folhas das árvores. Então, eu prefiro ignorar isso e não ver o verde como fome ou inveja, porque vai contra como eu o vejo. Porque, para mim, o verde simboliza saúde, vida e até esperança.

Não apenas no seu aniversário como em toda a sua vida é isso que eu quero para você: uma vida longa, saúde e esperança. Esperança de que tudo que é ruim vá embora. Esperança de que dias melhores sempre virão. Esperança de que, mesmo depois dos dias mais cinzentos, o sol há de sair e inundar seu mundo com o tom mais bonito de amarelo.

Rodrigo, essa máquina de datilografia é para você escrever seus contos, seus romances, seus poemas, suas cartas, o que você quiser. É para você criar seus sonhos. É para inundar sua vida de esperança através das palavras. Essa máquina é para você ser você. E ela é verde. Bem, é um tipo de verde. Assim, acho que ela é perfeita para isso. E espero que você também ache.

*Feliz aniversário,
Amanda”*

- Ei, Amanda. – Ele disse quando eu entrei no quarto, dobrando a carta.

- E aí. – Respondi.

- Queria te agradecer mais uma vez pelo presente.

Eu dei risada.

- Você me agradece demais nessa vida, Rodrigo.

Ele pareceu ficar sem graça, mas então eu sorri e disse:

GL

- De nada.

E Rodrigo sorriu de volta.

Capítulo 12 – Cinza

No penúltimo dia de aula, Amanda chegou na hora do almoço reclamando de rigidez no pescoço e dor de cabeça e pediu um analgésico para melhorar. Nosso pai argumentou perguntando se ela andava com uma postura ruim nos últimos dias, e Amanda admitiu que sim antes de engolir o comprimido. Nossa mãe se aproximou e viu que ela estava quente, mas ela disse que era porque ela estava debaixo do sol e estava muito mais quente do que o normal lá fora. Geralmente, não fazia muito calor e nem era muito ensolarado na nossa cidade, mesmo no verão, mas aquele verão estava particularmente mais quente.

Já que era realmente verdade, nossa mãe alegou que realmente não havia motivo para uma reação exagerada e mandou Amanda tomar mais cuidado ao sair no sol e com a postura para evitar problemas. Amanda concordou e, assim que eles saíram, foi almoçar.

Eu apenas me sentei à mesa junto com ela e assim percebi que ela não comeu muito. Ela disse que não estava com muita fome e foi para o quarto se deitar, outro comportamento pouco usual para ela, mas supus que ela apenas iria esperar a dor de cabeça melhorar. Eu fui me sentar do lado de fora para ler, uma vez que Amanda queria ficar no escuro, e perdi a conta do tempo enquanto estava lá. Quando dei por mim, meus pais haviam chegado.

Fui para o quarto e Amanda ainda estava lá, enfiada embaixo das cobertas. Abri a janela para ventilar um pouco o ambiente e falei com a minha mãe. Observei de longe conforme ela se aproximava de Amanda e puxava ela para que tomasse um banho.

- Venha, Amanda. Você está bem? – Nossa mãe perguntou.

Ela encostou no rosto de Amanda, levemente avermelhado, e disse:

- Ela está com febre. – Amanda parecia confusa. – Venha, é melhor você tomar um banho.

Nossa mãe fez ela tomar um banho frio e trocar de roupa. Em seguida, sentou ela na sala e penteou os cabelos dela. Ela ainda tinha uma expressão confusa.

- Ei, o que aconteceu, afinal? – Perguntou nosso pai, sussurrando, chamando nossa mãe mais para o canto.

- Ela está com febre e parece confusa.

- Será que ela está doente?

- O que ela pode ter? Ela toma vacina sempre para tudo quanto é tipo de doença!

- Podemos esperar algum tempo. Ela estava bem ontem; se ela não estiver bem amanhã ou piorar, a gente leva ela no pronto-atendimento.

Nossa mãe assentiu lentamente. Eu me arrumei para dormir na sala, já que não sabíamos o que estava acontecendo. Deixei meus sapatos no pé do sofá, caso precisássemos levá-la no médico.

Tanto nosso pai quanto nossa mãe ficaram no quarto, sentados na minha cama, de olho nela. Ela adormeceu. Eu fiquei deitado no sofá, olhando para o teto, até que em algum momento eu adormeci. Não sei por quanto tempo foi, mas acordei com um som estranho no banheiro. Corri até lá e encontrei Amanda vomitando em jatos na pia.

- Mãe! – Eu gritei. – Mãe!

Ambos os nossos pais apareceram e ficaram meio horrorizados com a visão. Os dois devem ter acabado adormecendo.

- Temos que levá-la no médico agora! – Meu pai falou.

Minha mãe segurava os cabelos dela e esperava ela terminar. Eu calcei meus sapatos e coloquei meu casaco. Ajudei minha mãe a prender os cabelos de Amanda e quando pareceu que ela aguentaria, levamos ela o mais rápido possível para o pronto-atendimento.

Por sorte, não havia muita gente lá. Eu e meu pai ficamos esperando por algum tempo na sala de espera enquanto a minha mãe acompanhava Amanda, falando com o médico sobre a situação. Ele mandou que ela fosse para o hospital.

Fomos nós então para o hospital.

Eu já não sabia quanto tempo passava, eu cochilava e acordava; eu apenas ficava lá sentado encarando o nada por um longo tempo. Minha cabeça martelando: O que está acontecendo? O que está acontecendo? O que está acontecendo?

No hospital, ela foi atendida rapidamente e mandaram ela para fazer alguns exames. Logo em seguida, internaram ela. Os resultados, aparentemente, confirmaram as suspeitas dos médicos: meningite.

Meningite. Eles a internaram e começaram a tratá-la com antibióticos.

Por não ter o baço, Amanda era mais suscetível a ficar doente; inclusive a ter meningite. A taxa de mortalidade entre o tipo de meningite que ela tinha me assustava. As chances de ter sequelas também.

Minha mãe pegou alguns dias de folga do trabalho e eu ficaria junto com ela em um hotel na cidade, para ficarmos perto de Amanda.

Depois de algum tempo com ela estando internada, eu tive que voltar para casa para pegar algumas coisas nossas. Minha mãe ficou no hospital. Eu peguei o ônibus de volta. O dia estava completamente nublado, parecia que iria chover.

Cheguei em casa, entrei no quarto e olhei ao redor. Comecei a jogar minhas coisas e roupas dentro da mala. Depois, passei para as coisas da Amanda. Não que ela as estivesse usando, mas minha mãe mandou pegá-las mesmo assim. No que eu mexia em suas gavetas, encontrei uma carta. Uma carta para mim.

Mesmo sabendo que não deveria, abri a carta e comecei a ler. Na carta, Amanda me falava sobre a cor vermelha. Ela tinha escrito aquilo logo depois de sair do hospital depois do acidente, mais de quatro anos atrás. Estava ainda com a carta em mãos quando meu pai entrou no quarto. Minha mãe havia acabado de ligar.

- Parece que Amanda piorou. Sua mãe disse que ela parece não estar nada bem. Nada bem.

Ele tinha olhos mortos. Eu olhei para o lado de fora.

- Eu acho que preciso caminhar um pouco. Para pensar.

- Tudo bem. – Disse meu pai. – Mas não vá muito longe. E não demore.

- Tudo bem. – Eu respondi e saí.

Ainda era meio de tarde. Eu só conseguia pensar em Amanda, em tudo que ela havia me ensinado, em tudo o que havíamos vivido juntos. Pensava nas cores enquanto corria até o desfiladeiro. No meio do caminho, começou a chover. Eu pisava com cuidado, mas ia rápido. Em poucos minutos, eu estava lá. Eu havia guardado a carta de Amanda dentro do meu casaco, para que não se molhasse.

Olhei para a vista, pensando nas cores. Eu tentava encontrar algum consolo em nossos bons momentos. Eu tentava encontrar força no que ela havia me ensinado. Eu

tentava encontrar um jeito de tirar da cabeça aqueles pensamentos de perdê-la e encontrar um mundo colorido e otimista, no qual eu sabia que ela ficaria bem.

Branco, preto, amarelo, azul, vermelho, índigo, creme, laranja, marrom, roxo, rosa, verde. Fechei os olhos com força. Branco, preto, amarelo, azul, vermelho, índigo, creme, laranja, marrom, roxo, rosa, verde. Mas quando eu abri os olhos, tudo era cinzento.

Se preto era tranquilidade, o cinza era desespero. Se o amarelo e o laranja eram alegria, então o cinza era a tristeza. Se o índigo é o silêncio, cinza é todo o barulho. E se o marrom é segurança, cinza é estar sem chão. Se verde é a saúde e a esperança, sua perda é cinza, assim como a doença. Se o azul é força, então a fraqueza é cinza. E se o amor é vermelho, então cinza é a apatia.

Eu estava chorando, tudo o que eu via era cinza. Eu achava que eu podia ver as cores, senti-las, mas eu não podia. Eu achei que tinha conseguido mudar meu mundo, mas eu não tinha. Meu mundo era cinza. Tudo ao meu redor era cinza. Não havia tranquilidade, alegria ou esperança. Talvez Amanda estivesse errada. Não havia como injetar cores em meu mundo. E ela não poderia prometer nunca me abandonar.

Por algum tempo, sentei sob a chuva, chorando, antes de voltar para casa. Ao voltar para casa, meu pai olhou para mim e viu o meu estado. Eu falei:

- Sabe pai, acho que faz todo o sentido. Todo o mundo que eu vejo é cinza. E não há nada de bom nele.

Depois de dizer isso, entrei banho antes que ele pudesse dizer qualquer coisa. Quando saí meu pai estava no meu quarto.

- Nós precisamos voltar. Termine de pegar suas coisas.

- Tudo bem. – Eu respondi.

- Rodrigo, eu sei que tudo o que está acontecendo também está sendo difícil para você, mas acho que você deveria ver isso antes de achar que seu mundo é cinza e não tem nada de bom nele.

Ele deixou uma pequena caixa em cima da minha cama. Eu abri. Lá dentro, havia fotos da Amanda, todas as que já tinham sido tiradas dela depois da infância. Consistia em meia dúzia de fotos, provavelmente tiradas pela minha mãe. Em nenhuma ela olhava para a câmera. Em nenhuma ela parecia feliz. Tinha uma dela com o braço quebrado. Tinha uma dela lendo um livro. Tinha uma dela sentada na frente da televisão. Tinha uma do Natal. Uma de nós na praia. E uma de nós dois. Estávamos no balanço. Eu sorria para a câmera enquanto Amanda continuava séria.

- O que é isso? – Perguntei.

- Sua mãe tirou essas fotos. Ela precisou ser muito forte para passar por esses momentos ruins com sua irmã, para ajudá-la. Essa nas fotos é a sua irmã. A parte que ela esconde. Ela chegou a ser feliz com a gente. Mas não pense que não houveram momentos em que ela foi feliz apenas por nós. Ela é feliz para nos fazer feliz. No fundo, às vezes, talvez o mundo dela seja tão cinzento quanto o seu.

Voltamos para o hospital. Amanda estava acordada e começou a pedir para que deixassem que nós três entrássemos. Ela precisava falar com a gente. Ela implorou para que a enfermeira chamasse a família dela. Nós três fomos lá, sem entender o que aquilo significava.

- Amanda? – Nossa mãe chamou.

GL

- Venham, venham. – Ela disse. – Eu preciso falar com vocês.

Esperamos por alguns segundos. Nossa mãe tocou no braço dela e ela então começou a falar:

- Eu preciso que vocês saibam que eu amo muito vocês. Mãe, pai, Rodrigo. Eu amo muito vocês. Mas...

Um momento de confusão antes de ela conseguir continuar.

- Mas eu estou sofrendo muito. E eu quero que esse sofrimento acabe. Certas coisas simplesmente acontecem na vida.

Outra pausa.

- Se as coisas parecerem cinzentas, vejam que o cinza não é a ausência das cores, mas sim parte de todas elas. Basta olhar mais de perto.

Ficamos ali por um tempo, sem entender direito o que ela tentava dizer exatamente.

“E eu quero que esse sofrimento acabe.”

No momento seguinte, estávamos sendo retirados do quarto. Amanda estava tendo uma convulsão.

Olhei para ela e murmurei:

- Amanda... eu não quero que você sofra mais.

Capítulo 13 – Transparente

Rodrigo estava sentado na sala, esperando pelo carro, até que o ouviu parando na garagem. Ficou de pé e saiu para a frente da casa.

Lá estava ela, tirando as malas de dentro do carro.

- Amanda! – Ele gritou.

Ela olhou para ele e sorriu. Ele também sorriu. Fazia algum tempo que não a via.

Já fazia quatro anos que Amanda havia saído de casa para fazer faculdade. Naquelas férias, enfim, ela ia visitá-los, enfim já formada. Pretendia passar mais tempo com eles, mas disse que definitivamente não voltaria a morar com eles.

Quando ela saiu de casa, seus pais finalmente fizeram a reforma para construir um terceiro quarto. As coisas estavam bem diferentes ali, ela pensava. Mas tudo parecia ir bem.

Fazia quatro anos desde que Amanda tivera meningite. Por algum tempo, todos pensaram que ela iria morrer. Os médicos, sua família, ela mesma. Ela piorava rapidamente, tivera convulsões, teve que ser entubada. Mas ela começou a melhorar. Até que ela ficou boa. Por sorte, ela não teve sequelas.

Pela segunda vez, ela encarara a morte e ganhara. Quais eram as chances?

Rodrigo abraçou Amanda.

- Ei, você está mais alto. – Ela disse.

- Sim. – Ele respondeu, rindo.

- E como vai a Maria Clara? – Perguntou.

- Ela vai bem, as coisas com ela vão bem também. Ela deve passar por aqui mais tarde, ela estava bem ansiosa para te ver!

- Estou ansiosa para vê-la também, faz mais de um ano que eu não a vejo!

- E como vão as coisas com você? – Perguntou Rodrigo.

- Feliz de a faculdade ter acabado, agora vou tocar minha vida. Trabalhar, terminar de juntar dinheiro para abrir minha editora. É isso aí, é minha meta por agora. – Amanda respondeu.

- Você parece mesmo... feliz.

Os dois se sentaram no balanço para conversar.

- Sabe, Rodrigo, tem uma coisa que eu acho que é que, nos livros, a gente quer que os finais sejam felizes porque, na vida real, as coisas são uma merda. Eu digo, são uma merda. Não falo nem da minha vida, ou da sua vida, falo do mundo. Guerra, fome, preconceito. Pelo menos nos livros, a gente quer que os finais sejam felizes. Mas ainda assim, com todas as merdas pessoais e coletivas, a gente tenta fazer as coisas darem certo. A gente tenta fazer do mundo um lugar melhor da maneira como pode. E a gente tenta ser feliz. Não posso te dizer que eu estou necessariamente feliz, porque é bem complicado... mas eu estou tentando. – Amanda riu, olhando para o chão. – Eu e meus discursos sem sentido.

Rodrigo olhou para Amanda e, meio que sorrindo, disse:

- Na verdade, faz sentido. E eu entendo. Mesmo. Eu também estou tentando. Bem assim como você.

Amanda sorriu para ele, ambos se entendendo em silêncio. Não desistir. Rodrigo remexeu a pulseira que ganhara de Maria Clara. As mulheres mais importantes de sua vida,

GL

sua mãe, sua irmã, sua namorada, haviam lhe ensinado, cada uma da sua maneira, uma lição valiosa: Seja forte. Não desista.

- Amanda? – Seus pais chamaram.

Os dois se levantaram dos balanços.

- Mãe! Pai! Eu estou aqui! – Ela chamou.

Eles foram até ela e ela os abraçou, dizendo:

- É bom ver vocês.

Fim da Primeira Parte

Segunda Parte – Amanda

Meu nome é Rodrigo Freitas. Eu tenho dezoito anos. Minha namorada, Maria Clara, é uma das minhas melhores amigas, assim como Raphael, Carla, Fernando e Alexandre. Eu nasci com um tipo de daltonismo bem raro; eu não enxergo nenhuma cor, apenas tons. Eu achei que, para mim, a vida seria sempre branca e preta e todos os dias seriam cinzentos.

Eu tenho uma irmã quatro anos mais velha, chamada Amanda. Durante a minha infância e adolescência, ela me ensinou o poder e o significado das cores, injetando-as em meus dias e tornando minha vida mais colorida.

Aos doze anos, Amanda perdeu o baço depois de um acidente. Aos dezoito, ela sobreviveu à meningite. Ela é a pessoa mais forte que eu conheço.

E esta é a nossa história.

Capítulo 01 – Índigo

Apesar de ser meio do ano e, portanto, inverno, lá estávamos nós na praia. Aquela seria a última viagem em família, o último encontro em família, que faríamos por um longo tempo. E, conforme seu fim se aproximava, eu começava a ficar mais triste com o motivo.

- Amanda! - Eu gritei, encarando a praia deserta.

Meus pais haviam ficado no hotel com a mãe de Maria Clara; eu, Maria Clara e Amanda havíamos ido à praia juntos. Eu fui buscar alguma coisa para beber e, quando voltei, não conseguia mais achar Amanda. A praia estava deserta, eu não conseguia encontrá-la.

- Amanda! - Eu gritei mais uma vez, minha voz desesperada cortando o silêncio.

- Rodrigo! - Maria Clara me alcançou e colocou a mão sobre meu braço. - Olhe.

Ela apontou para o mar e eu vi Amanda, seus braços se movendo para fora d'água a alguns metros de distância, para sinalizar para mim que ela estava ali.

- O que você está fazendo? - Eu perguntei, alto o suficiente para que ela me ouvisse.

- Eu estava mergulhando tranquilamente quando seu desespero chegou até mim. Por que você estava gritando? - Amanda perguntou.

- Eu não conseguia te encontrar. - Respondi, um pouco envergonhado.

- Fique calmo, Rodrigo. - Ela me respondeu, girando os olhos. - Eu não vou morrer enquanto você vai ao quiosque.

Com isso, ela fez um único movimento e voltou a desaparecer no mar. Maria Clara segurou minha mão. Eu olhei para ela e ela disse:

- Ela está certa, você sabe.

Não era uma pergunta. Eu a abracei, passando meus braços sobre seus ombros.

- É. - Eu respondi. - Eu sei. Mas... acho que depois das coisas que aconteceram, eu fiquei com medo.

- Ela não está tão no fundo assim. E se alguma coisa acontecer, tem salva-vidas por perto.

- Sim, você está certa.

Maria Clara segurou meu rosto e beijou meus lábios.

- Agora para de se preocupar; Amanda já é adulta.

Por algum tempo, apenas ficamos lá em pé abraçados. Em um momento, erguemos os olhos e vimos Amanda mais a frente. Maria Clara corou levemente, me perguntando em um sussurro se ela teria visto; provavelmente tinha, mas ela estava de costas, meio que para nos dar privacidade.

- Ei! - Amanda chamou, se virando. - Vamos?

- Estamos indo! - Maria Clara respondeu, sorrindo.

Coloquei meu braço sobre seus ombros e ela colocou o seu em volta da minha cintura. Caminhamos assim até o hotel. Lá, Amanda e Maria Clara seguiram para o quarto que dividiam para tomarem banho e eu me encontrei com meus pais na piscina. O céu estava nublado, mas ainda estava quente e minha mãe e a mãe de Maria Clara conversavam em espreguiçadeiras com óculos de sol sobre o rosto. Perto da churrasqueira, meu pai conversava com o namorado da mãe de Maria Clara enquanto beliscavam os últimos pedaços de carne.

Mergulhei meus pés na água gelada da piscina e observei os movimentos da água conforme eu me mexia. Éramos as únicas pessoas ainda ali no fim da tarde; os outros hóspedes já eram poucos e estes já tinham todos seguido para restaurantes e festas para aproveitarem a noite.

Entrei na piscina lentamente e afundei minha cabeça na água, sentindo o frio penetrar em meus ossos, aproveitando o silêncio completo de estar embaixo da água. A voz de Amanda pareceu soar na minha mente.

“Índigo é... silêncio.”

Mas o silêncio não combinava com a forma como eu me sentia. Eu tentava usar aquele silêncio para me acalmar e oprimir aquela sensação, mas tudo o que eu mais queria era gritar o mais alto possível. Eu não queria que Amanda fosse embora. Aquela ideia me aterrorizava. Ela estivera sempre perto me ajudando minha vida inteira. A ideia dela se mudando não era nem perto do que eu sentia quando achei que ela fosse morrer, mas ainda assim me assustava.

Um mundo sem Amanda?

Abri os olhos embaixo d’água.

Completamente silencioso e cinzento.

Coloquei a cabeça para fora da água e respirei fundo. Minha mãe me chamou e eu me aproximei da borda.

- Onde estão Amanda e Maria Clara? – Minha mãe perguntou.

- Elas já foram para o quarto. – Respondi. – Acho que vou subir e tomar um banho também.

- Tudo bem. Acho que vamos ficar aqui mais um pouco, mas voltamos antes de anoitecer. – Ela continuou, enquanto eu saía da piscina e me secava. – Qualquer coisa, nos encontramos aqui embaixo na hora do jantar.

- Certo, eu aviso elas. Até mais. – Falei e acenei para elas e para o meu pai antes de subir usando as escadas.

Os quartos que estávamos hospedados tinham lugar para duas e três pessoas. Em um quarto, eu ficara com meus pais e no outro ficara Amanda e Maria Clara. A mãe de Maria Clara ficara em outro quarto junto com o namorado.

Depois de me aquecer e colocar uma roupa mais arrumada para o jantar, fui até o quarto de Amanda e Maria Clara. Bati na porta e Maria Clara abriu. Amanda estava sentada ao redor da mesa de café do quarto embaralhando um pacote de cartas.

- Bom que chegou! – Maria Clara disse, beijando meu rosto. – Está sendo horrível jogar só de duas pessoas.

- Ela só está dizendo isso porque perdeu todas as rodadas até agora! – Respondeu Amanda, rindo.

Maria Clara mostrou a língua para ela e ela só riu mais ainda. Me deixava feliz ver como elas se davam bem. Eu nem sabia o que fazer se as mulheres que eu mais amava (a primeira era a minha mãe, mas as duas vinham logo em seguida) não se entendessem. Mas elas jogavam cartas, ficavam até de madrugada conversando e faziam piadas juntas.

- Nossos pais sobem antes de anoitecer; depois encontramos com eles na hora do jantar. – Expliquei para as duas.

- Acho que vou ver como minha mãe está, antes do jantar. – Maria Clara disse, apertando minha mão.

Eu e Amanda apenas concordamos e ela beijou minha testa antes de sair.

Amanda colocou o baralho de lado e se pôs de pé.

- Quer ir passear lá embaixo? – Ela perguntou, com as mãos nos bolsos.

Apenas assenti e nós seguimos em silêncio pelo elevador. No térreo do hotel, havia um salão na parte de trás que tinha uma mesa de sinuca, algumas cadeiras de couro e um tapete macio no qual algumas vezes nos sentamos para conversar e jogar cartas. Amanda se deitou no tapete e eu apenas a acompanhei. Passamos algum tempo encarado as luzes do candelabro antes de eu falar:

- Eu estou com medo.

Ouvi o som nasalado de sua risada reprimida.

- Por mim ou por você?

- Estou com medo de ficar sozinho. Estou com medo de acontecer alguma coisa com você.

- Rodrigo, eu vou passar um ano na Inglaterra, não na lua. Vai dar tudo certo. Já faz quase três anos desde que eu tive meningite. Além do que, você não vai ficar sozinho. Você tem nossos pais, seus amigos e a Maria Clara. E nós ainda vamos nos falar por chamada de vídeo e mensagens de texto.

- É só que... a gente nunca passou tanto tempo separado. Eu me acostumei a ter você sempre lá para me proteger.

- Rodrigo, você já é quase um adulto, vai fazer dezessete anos. Tem que confiar de que é forte o suficiente sozinho.

Por um momento, me senti meio triste, mas sabia que ela tentava me encorajar.

- Mas de toda forma... – Ela continuou. – Eu sempre estarei aqui para te proteger, não importa o que aconteça.

Eu estendi minha mão e segurei dois de seus dedos entre os meus em uma forma meio de punho, como eu costumava fazer quando era bem pequeno e ficava com medo depois de ter pesadelos, e ela deixava eu segurar a mão dela até cair no sono. Com os outros dedos, ela meio que segurava minha mão de volta. Continuamos assim encarando o teto em silêncio completo até a hora do jantar.

Capítulo 02 – Rio

Eu sempre achei muito legal da minha irmã nunca chorar. Ela era forte, não era como eu, que sempre chorava por causa de tudo; na escola, um monte de gente me achava um bebezão por chorar tão facilmente.

Mas você não ver algo não quer dizer que não acontece.

Uma única vez, eu vi minha irmã realmente chorando. Ela tinha seus catorze anos e eu tinha dez. Naquele dia, ela não foi para a aula porque não estava se sentindo bem. Eu não me lembro o que exatamente acontecera, mas eu estava me sentindo horrível com o dia que eu tivera.

Quando cheguei em casa, deixei minha mochila no quarto e vi que Amanda estava do lado de fora. Ela estava sentada no chão, com os joelhos dobrados contra o peito, as mãos cobrindo o rosto. Eu ia até o lado de fora para falar com ela, mas meu pai me chamou em um sussurro e segurou-me antes que eu saísse.

- Rodrigo! Melhor deixar sua irmã quieta. Ela precisa de um tempo sozinha.

- Ela está bem? – Perguntei.

- Ela só precisa organizar as coisas na cabeça dela. Deixa ela ficar um pouco sozinha, ela prefere as coisas assim.

Aquilo não respondia exatamente a minha pergunta e eu percebi isso, mas naquela época eu não entendi o que exatamente estava acontecendo; eu apenas achei estranho.

- Venha almoçar. Amanda já comeu. – Meu pai disse, antes que eu perguntasse.

Minha mãe observava Amanda pela janela e meu pai apertou de leve seu ombro quando passou ao seu lado. Ela então nos acompanhou. Almoçamos em silêncio e então eu fui fazer minha lição de casa quando eles saíram para trabalhar. Quando terminei, fui dar uma espiada em Amanda e ela continuava na mesma posição. Já devia fazer mais de hora que ela estava ali.

Eu ia voltar para o quarto e deixá-la sozinha como meu pai havia dito, mas dei apenas alguns passos antes de esbarrar com tudo na mesa da sala, fazendo um barulho alto e não podendo evitar deixar escapar um pequeno grito de dor. Ela então olhou para cima e me viu.

- Ei, Rodrigo. – Ela disse.

- Ei. – Eu disse.

- Tudo bem? – Ela perguntou, meio rindo, mas fungando.

- É. Eu bati o joelho na mesa. – Falei.

- Venha aqui. – Ela me chamou. – Como foram as coisas hoje?

Fui até ela querendo contar as coisas que aconteceram como eu sempre fazia, mas quando cheguei mais perto reparei que ela estivera chorando aquele tempo todo.

- O que aconteceu? – Perguntei, estranhando.

Aquele foi o mais perto que eu cheguei de ver minha irmã chorando. Ela riu e passou as mangas da camiseta que usava sob os olhos.

- Sabe, Rodrigo... Tem sentimentos que nos fazem lembrar os rios. Uma correnteza forte que te arrasta naquela direção e que, por mais que você tente, não consegue lutar contra. Eu estou sendo arrastada pela correnteza e não consigo lutar contra. Não sozinha. Você entende?

- Não. – Respondi, totalmente confuso com o que ela estava tentando me dizer.

Ela riu e abraçou meus ombros. Eu segurei sua mão, pensando que talvez assim ela se sentisse mais segura.

- Papai disse que você queria ficar sozinha. – Eu disse, preocupado de estar incomodando.

- Sim, eu queria. Mas já me sinto melhor. Acho que já consigo pensar com mais clareza. Eu não quero mais ficar sozinha. Está tudo bem.

Foi minha vez de chorar. Eu nem entendi muito bem porque, mas eu chorei um pouco e Amanda ficou ao meu lado me consolando em silêncio até eu me sentir melhor. Eu estava com medo, por mim, por Amanda, eu nem sabia direito. Mas chorar fez sentido e eu meio que me senti melhor depois. Amanda não voltou a chorar; não depois de eu me sentar com ela e nem nunca mais – pelo menos, não na minha frente.

Apenas vários anos depois, ao me lembrar de suas palavras, eu fui realmente entender o que ela estava tentando me dizer. Amanda estivera machucada por tanto tempo e eu nem ao menos percebi totalmente até aquele momento. Ela sempre tentara me proteger. Era isso que ela fazia mais uma vez.

Não queria mais ser protegido. Ela havia me ensinado muito. Era o momento de tentar colocar essas coisas em prática, me tornar um adulto e poder proteger também as pessoas que eu amava.

Aos dezoito anos, Amanda passou na faculdade e foi para outra cidade para estudar produção editorial. Ela queria abrir um editora, se tornar editora de livros.

Quando ela ia se mudar, nossos pais haviam juntado algum dinheiro e decidiram construir um terceiro quarto em nossa casa para que Amanda tivesse seu próprio espaço em casa sempre que fosse passar um tempo em casa nas férias; e ela seria sempre bem-vinda, caso decidisse voltar a morar conosco.

Na noite anterior à sua mudança, eu passei a noite pesquisando algumas coisas sobre a cidade para a qual ela estava indo. Eu não consegui dormir a noite inteira e percebi que ela também ficou em claro. Medo, receio, ansiedade, não sei; mas ela não pregou os olhos.

Levamos ela até a rodoviária logo de manhã. Nossa família estava lá, além da família de Maria Clara. Ela abraçou a todos nós e eu lhe entreguei um papel. Ela espiou dentro e viu do que se tratava. Sussurrei para ela:

- Você não precisa mais lidar com isso sozinha. Ela pode te ajudar. – Eu apontei para o papel.

Amanda olhou para mim, sorrindo levemente, antes de dizer:

- Ah, Rodrigo... Eu nunca estive realmente sozinha.

Ela passou a mão nos meus cabelos e olhou para nossa família. Então apertou o papel e me disse:

- Obrigada.

- Estou aqui para servir. – Disse, rindo.

Amanda também riu e me abraçou uma última vez.

Ela carregou as malas no ônibus e subiu. Acenou para nós pela janela. Eu comecei a chorar um pouco e o resto da família também. Os olhos de Amanda brilhavam pela janela, mas não havia nem sinal de que ela choraria. Como sempre.

Maria Clara me abraçou, ela chorava também. Eu a abracei de volta e assistimos Amanda partir. Em seguida, voltamos todos para casa e tudo parecia silencioso e vazio, causados pela falta da presença constante de Amanda. O silêncio não era mais reconfortante. Ele era alto e pesado.

No meio do silêncio, meu celular tocou. Eu olhei o visor e disse:

- É Amanda. – Estranhei.

Todos se voltaram para mim e eu atendi e coloquei no viva voz.

- Ei, Amanda. Aconteceu alguma coisa?

- Comigo não, mas vocês pareciam acabados lá na rodoviária. – Ela disse, provavelmente ouvindo que estava no viva voz. – Eu vou me estabelecer na casa ainda hoje, então por que não veem me visitar amanhã? Vocês podem até me ajudar a montar alguns móveis. – Ela riu.

Todo mundo começou a gritar e a falar animadamente ao mesmo tempo, eu não conseguia entender mais nada e nem Amanda.

- Ei! – Ela gritou e todos se calaram. – Isso é um sim?

- Sim! – Todos gritaram e Amanda começou a rir.

Capítulo 03 – Olhos

Eu havia saído para levar o lixo para fora e passei no banheiro para lavar as mãos antes de me dirigir para o meu quarto. O quarto de Amanda já havia ficado pronto fazia algum tempo e ela o havia arrumado antes de ir para a Inglaterra, mas como ela não morava ali, não tinha muita coisa. Tinha uma estante de livros, uma penteadeira com espelho, seu guarda-roupa e uma cômoda ao lado da cama; tudo bem arrumado e organizado.

No meu quarto, o computador estava em cima da escrivaninha e Maria Clara estava sentada na frente dele. Fiquei parado na porta encostado no batente; ela conversava com Amanda por vídeo chamada.

- Como estão as coisas com a sua mãe? – Amanda perguntou.

- As coisas vão ótimas! Você sabe, desde que ela começou a namorar ela parece mais feliz, acho que ela sentia falta de alguém com quem dividir a vida. Ela não namorava desde que ela e meu pai se separaram. Eles só estão juntos faz alguns meses, mas ele trata ela muito bem e me trata muito bem também, eu gosto dele. Acho que eles podem ser muito felizes juntos. Ah, e quando você voltar você tem que ver, ela mudou a decoração da sala, fez toda de um jeito oriental, ficou muito bonita!

- Nossa, deve ter ficado bonito mesmo! Depois me manda fotos, e quando eu voltar eu certamente vou passar na sua casa. – Amanda riu.

- Mudei algumas coisas no meu quarto também, pinte as paredes, Rodrigo até foi lá me ajudar, também coleí algumas fotos; tem fotos de nós três!

Apesar de não conseguir ver Maria Clara por ela estar de costas, sabia que ela estava sorrindo.

- E como vão as coisas na escola? Gostando? – Amanda perguntou.

Eu provavelmente perdera a parte em que Amanda contava sobre a Inglaterra.

- Estou gostando muito! É bem puxado, mas consigo ver meus amigos de final de semana e às vezes venho aqui no meio da semana para passar algum tempo com Rodrigo. Foi meio estranho no começo estudar longe dele e da maioria dos meus amigos, mas Raphael está estudando comigo, então não estou totalmente sozinha lá. E estou estudando na mesma escola que você frequentou, o que em si já acho que deve ser bem legal. – Maria Clara riu e Amanda riu junto.

- E como vão as coisas com Rodrigo? Ele tem se comportado?

- Ele está jogando basquete na escola, ele cresceu bem nos últimos meses, está bem mais alto. E você sabe como é o seu irmão, ele está como sempre.

- Horas olhando pela janela e escrevendo?

- E chora em todos os filmes tristes que assistimos, apesar dele tentar negar.

- Ei! – Eu disse, sentando do lado dela.

As duas se voltaram para mim, rindo.

- Eu não chorei. – Falei. – Eu só estava suando pelos olhos porque estava muito quente.

- Claro. – Disse Amanda, revirando os olhos.

Já fazia mais de seis meses que Amanda estava na Inglaterra. A gente conseguia trocar mensagens com ela todos os dias, mas só conseguíamos nos falar assim, por vídeo-

chamada pela internet, no máximo uma vez por semana. Durante as férias de fim de ano, nós conseguimos ir até lá visitá-la por alguns dias, enquanto nossos pais estavam de férias. Ela nos mostrou onde ela ficava, onde estudava, os lugares que mais gostava e foi incrível estar fora do Brasil e ver neve pela primeira vez.

- Como estão as coisas por aí? – Perguntei.

- Frias. – Ela falou, erguendo as mãos com luvas de dedos coloridos. – Mas vai tudo bem. Estou estudando bastante.

Jogamos conversa fora por alguns minutos. Eu pensava que faltava pouco, em menos de seis meses ela estaria de volta. E então Amanda ficou séria antes de dizer:

- Eu já tinha contado para nossos pais, mas pedi para que eles deixassem eu mesma te contar quando pudéssemos conversar de novo. – Ela disse para mim.

- O que? – Perguntei, estranhando.

Maria Clara alcançou minha mão e deu um leve aperto. Eu olhei para ela, que encarava Amanda receosa. Voltei meus olhos para Amanda, que alternava seu foco entre nós dois.

- Não vai me dizer que vai ficar aí, vai? – Perguntei.

- Não! Não! – Ela explicou, rapidamente. – Não é isso. Só vou ficar um tempo a mais...

- Quanto tempo a mais? – Maria Clara perguntou, apertando minha mão de novo.

- Um semestre. – Ela respondeu. – Não se preocupem, estarei de volta a tempo de ver a formatura de vocês dois!

- Ah, um semestre, sem problemas.

- Mas a gente só vai se ver pessoalmente de novo na formatura de vocês.

- O que? Por quê? – Perguntei.

- Vocês tem que aproveitar as férias de vocês para estudar para o vestibular. E eu vou trabalhar nas minhas férias de verão para juntar dinheiro. Se eu fosse para aí ou vocês viessem para cá, vocês iam acabar não estudando ou eu ia acabar não trabalhando. Então, creio que vá ser melhor assim.

- Sim, você está certa. – Falei.

Além do que, por mais que a gente quisesse muito vê-la, havia sido doloroso para os dois lados ter que se separar depois do reencontro. Eu havia visto nos olhos de Amanda no momento antes de entrarmos no avião de volta para o Brasil. Era mais fácil para ela ficar mais tempo separada do que ter que passar por aquilo de novo.

- Bem, eu tenho que ir agora. Está tudo bem? – Ela perguntou.

- Sim. – Eu respondi e Maria Clara me abraçou.

Nos despedimos dela e a chamada foi finalizada.

- Eu sinto falta dela. – Maria Clara disse, depois de a tela do computador se apagar.

- Eu também. – Falei. – Mas tudo bem.

Beijei Maria Clara.

- Ela vai voltar para casa antes mesmo de vermos o tempo passar.

- Sim. – Maria Clara disse e sorriu. – Você está certo.

Capítulo 04 – Gelo Fino

Eu estava debaixo d'água. Segurava minha respiração, os olhos fechados, sentindo a água ao redor de meu corpo. Então, comecei a ficar sem ar e coloquei a cabeça para fora, respirando fundo. Olhei o relógio sobre a pia. Já era tarde da noite.

Naquele mesmo dia, Amanda voltara para casa depois de um ano e meio fora. Formada na faculdade. Com grandes planos. E as palavras da conversa que tivemos assim que ela chegou ainda pareciam gravadas a ferro na minha mente.

Abandonei a banheira e troquei de roupa antes de ir para o meu quarto. Deitei na cama sem me importar com meus cabelos molhando o travesseiro, fechei os olhos e tentei não pensar no que viria pela frente: os resultados dos vestibulares. Queria aproveitar que Amanda estava de volta e não me focar na ansiedade e medo que sentia toda vez que pensava no assunto.

Ouvi um barulho que parecia de isqueiro vindo do lado de fora. Considerei olhar pela janela para ver se era Amanda e o que acendia, mas preferi não ficar xeretando no que ela fazia. Ela sempre gostara muito de incensos; se eu fosse ao seu quarto naquele momento, seria possível sentir os diversos cheiros impregnados no ambiente.

Passei provavelmente quinze minutos encarando o teto até desistir de dormir e sair para o quintal. Encontrei Amanda sentada no balanço. Ela acendera mesmo um incenso e estava com ele na grama ao seu lado, cravado em pé na terra.

Quando me aproximei, vi que ela conversava no celular com alguém. Pensei em voltar atrás para não me meter na conversa, mas ela fez sinal para que eu ficasse e se despediu da pessoa do outro lado.

- Era Julie. – Ela disse, em seguida.

- Ah. Está tudo bem com ela? Achei que tivessem se visto hoje mais cedo, logo que você chegou.

- Sim, está tudo bem com ela. Só tinha algumas coisas que ela queria falar que não teve tempo de dizer hoje mais cedo.

Julie era uma amiga da Amanda, sua melhor amiga. Elas se conheceram logo no início da faculdade, quando Amanda se mudou para o dormitório e acabou dividindo o quarto com ela e outras duas garotas. Julie era dois anos mais velha do que Amanda, mas estava apenas um ano na sua frente na faculdade.

Elas se deram bem desde o começo, mas com o tempo começaram a ficar cada vez mais amigas e conseguiam viver bem em harmonia juntas, diferentemente das outras garotas que ficavam com elas. Anos se passaram e Julie se tornou, assim, a melhor amiga de Amanda. Ela era bem quieta e reclusa, mas ela era legal e tinha um carro antigo.

- Foi legal da parte dela emprestar o carro para você vir para cá. – Comentei.

- Sim. – Amanda disse.

Amanda havia dito no dia antes da sua volta que Julie a buscaria no aeroporto e lhe emprestaria o carro para que ela pudesse vir até nossa casa trazendo as malas com mais comodidade, já que ela havia deixado o carro dela na nossa casa quando viajou, uma vez que não tinha lugar onde deixar na cidade que morava.

- Amanda, com o fim da faculdade e tudo o mais... Você disse que não vai voltar a morar com a gente. Mas vai continuar morando lá. Você vai morar...?

Amanda riu antes de eu conseguir terminar a frase, antes de dizer.

- Sim, Rodrigo, eu estou indo morar com a Julie. É em um lugar mais afastado, mas ela achou um apartamento bem legal, com três quartos, dois banheiros... E em um preço que podemos pagar. Eu ainda não fui ver, mas ela disse que o lugar está meio acabado, por isso está tão barato. No entanto, vale a pena, mesmo com o custo das pequenas reformas que vamos ter que fazer.

- Vocês já planejaram a decoração ou coisa assim?

- Não, quero dar uma olhada primeiro. Mas o negócio já está fechado. Julie já agendou para o dedetizador ir lá, eu liguei para o homem que vai trocar o piso de um dos quartos e uma amiga dela vai consertar as torneiras que vazam e ajudá-la em uma limpeza, tudo ainda essa semana. De forma que quando eu chegar lá, provavelmente já vai estar bem melhor do que quando ela viu.

- E até vocês mudarem para lá de fato...

- Eu vou ficar aqui com vocês. Vou ter que devolver o carro de Julie na semana que vem e vamos ver um fim de semana para irmos limpar e pintar, mas vamos comprar os móveis pela internet por ser mais barato e quando tivermos o que precisamos, eu mudo para lá e montamos os móveis.

- Então semana que vem você vai ver o apartamento quando for devolver o carro para Julie?

- Sim. – Ela respondeu. – Você quer vir junto?

- Claro! Você está conquistando tantas coisas. Ir morar em um lugar seu... bem, não só seu, mas ainda assim... e os planos de montar uma editora, seu novo emprego...

- Eu estou animada com as ideias. Claro que, comprando um apartamento, vai demorar mais para eu juntar o dinheiro que queria para montar minha editora, mas não é como se fosse algo que eu planejava fazer logo, é algo que quero para quando eu tiver com meus trinta anos, eu acho. E eu ainda tenho que passar por uma entrevista antes do emprego ser meu. A editora me respondeu que o emprego é praticamente meu quando enviei meu currículo, mas ainda assim... Não é uma grande editora, mas o emprego é muito bom e acho que vai ser bom para mim. Acho que grandes lugares cheios de gente não são meu tipo. – Amanda deu de ombros e sorriu.

- Será que um dia você vai publicar meus livros pela sua própria editora? – Eu perguntei, sorrindo também.

- Claro! A arte da capa vai ser incrível e você vai chegar ao mundo inteiro! – Amanda sorria, olhando para o céu e mexendo os braços.

- Também não precisa exagerar, Amanda! O mundo inteiro é muita coisa. Eu já vou ficar feliz se for publicado e uma pessoa ler meus livros e gostar.

- Talvez eu esteja sonhando um pouco alto demais, mas você já pode ficar feliz se for por isso, porque já tem mais de uma pessoa que lê suas histórias e gosta: eu, mãe, pai, Raphael e Maria Clara. – Ela contou nos dedos e colocou a palma da mão no meu rosto.

Eu ri e me balancei para longe de sua mão.

Amanda parou de balançar e olhou para o chão.

- Às vezes, eu me sinto caminhando sobre gelo fino, tendo que andar com cuidado para que não se quebre, podendo se estilhaçar abaixo de mim a qualquer momento. Mas já é alguma coisa.

GL

Eu entendia o que ela queria dizer. O chão que ela tinha era frágil, mas era melhor do que sentir-se como se não tivesse chão nenhum. E ela seguia por um caminho novo, que é sempre um pouco incerto. Mas ela tinha um chão e cuidado com suas escolhas.

- Sabe, Amanda... Mesmo que o gelo se quebre, você caia e tudo pareça estilhaçado, sempre estaremos aqui por você.

Amanda sorriu.

- Eu sei, Rodrigo. – Ela olhou para as estrelas. – Eu sei.

Capítulo 05 – Céu

Eu estava devastado. Acho que muita gente entenderia o sentimento. Talvez poucos entendessem bem a reação. Mas ninguém jamais me entenderia da maneira que Amanda me entendia.

Já devia fazer algumas horas talvez que eu estava escondido entre a parede dos fundos e os arbustos no quintal de casa. Agradei por ninguém ter aparecido porque eu chorava como uma criança e não queria que ninguém me visse daquele jeito. Não queria que ninguém visse de verdade como eu me sentia acabado por causa do que acabara de descobrir. Meus olhos e nariz escorriam. Tentava limpar tudo sem sucesso na manga da camisa já totalmente molhada.

- Merda. – Murmurei para mim mesmo, cobrindo meus olhos.

- Ei. – Eu ouvi uma voz chamando.

Amanda.

Não tive coragem de pedir para ela ir embora; não queria que ela fosse. Eu apenas comecei a chorar mais por baixo dos olhos tampados. Ela sentou-se ao meu lado e abraçou meus ombros. Ela usava um sobretudo e cachecol; fazia frio e ventava muito naquela tarde.

- Ei. Fica calmo, mano. Não é o fim do mundo.

- Só o fim do meu futuro... – Falei, inalando o cheiro de amaciante que exalava das roupas dela; aquilo me lembrava de nossa infância.

Todas as roupas de Amanda sempre tinham a mesma fragrância de amaciante, mesmo depois dela ter saído de casa.

- Que exagero, Rodrigo. Você ainda tem muito futuro pela frente. Não se cobre tanto. Ano que vem você faz o vestibular de novo...

- Fazer vestibular é um pesadelo.

- Eu sei, eu sei.

- Você tem noção? Eu não consegui passar em nada. Nada, Amanda. Não tenho nem coragem de olhar para nossos pais, eles tinham tantas esperanças de que eu fosse bem como você... Eu consigo ver como eles estão decepcionados comigo. Eles esperavam mais de mim.

- Eles não estão decepcionados com você, Rodrigo. Eles estão tristes por você não ter conseguido algo que eles queriam que você conseguisse; algo que você também queria. Hoje em dia, pode ser bem difícil conseguir um bom emprego sem nenhuma formação de faculdade. Eles não esperam nem mais nem menos de você. Eles não esperam que você seja nada que você não é ou não quiser ser. Eles só querem que você tenha um bom futuro, que não seja privado de nada.

Eu ainda não olhara para o rosto dela. Depois de dizer isso, ela segurou meu rosto com as duas mãos, erguendo minha cabeça.

- Olhe para mim. – Ela disse com firmeza.

Olhei em seus olhos.

- Você não foi privado de nada. Nem vai ser, porque não é o fim do mundo. Você ainda tem a vida inteira pela frente. Você é completamente saudável. E todos nós vamos te apoiar no que quer que aconteça daqui para frente. Nossos pais te amam. Maria Clara te ama. Estão todos aqui por você.

- E você? – Eu perguntei, me sentindo muito pequeno.

Ela riu e bagunçou meus cabelos.

- Eu também te amo, mano. E eu prometi nunca te abandonar. Eu vou estar aqui por você para sempre.

Ela estendeu o mindinho e eu entrelacei o meu no dela.

- Para sempre. – Eu respondi.

Enfim, eu havia conseguido parar de chorar. Afinal, não era o fim do mundo. Ficamos mais algum tempo ali, sentados em silêncio, olhando para o céu. Para minha surpresa, ela foi ao bolso de seu sobretudo e tirou um maço de cigarros. Ela acendeu e me ofereceu um. Fiquei completamente chocado.

- Você fuma? – Eu perguntei.

- Só às vezes. Mas nossos pais não sabem. Confio em você para não contar para eles.

- Aceitei o cigarro e ela me mostrou como acender.

Logo na primeira tragada comecei a tossir. Ela riu um pouco e eu entreguei o cigarro de volta para ela, que o apagou na grama.

- Melhor assim mesmo. Não quero meu mano viciado.

- Por que mantém isso em segredo dos nossos pais? – Perguntei, ainda tossindo um pouco.

- Depois de tudo o que aconteceu, você acha que eles iam ficar numa boa de eu fumar? – Ela deu uma tragada e soprou a fumaça fina que o vento carregou para longe de nós. – Sem chance.

Observei como ela fumava lentamente, boa parte do cigarro queimando em sua mão, ela observando a fumaça ser levada embora.

- Sabe, Rodrigo, vestibular é horrível. Estudo intensivo de coisas nas quais você vai bem e mal, para fazer uma prova longa e cansativa, sentado em uma cadeira desconfortável em uma sala abafada. A insegurança porque você não sabe se vai ser aprovado ou não e não existe maneira alternativa de entrar na faculdade além dessas provas medonhas. A ansiedade da espera. A decepção de não ter conseguido. Eu já senti isso. No fim, eu consegui. Mas sabe o que isso tudo significa? Todo esse processo? O que significa para você?

- O que?

- Não significa nada.

Arregalei os olhos.

- Como assim?

- Você tem que se provar bom o suficiente pelos padrões de sei lá quem para entrar em um curso e aprender outras coisas para as quais não precisava ter aprendido metade do que te pediram.

- Não sei se entendi...

- No fim das contas, você entra na faculdade para ter aulas e aprender algo. Depois, eles te dão um papel dizendo que você sabe fazer aquilo. Mas esse papel não prova nada. Não prova que você realmente sabe fazer aquilo bem, não prova qualidade. Isso você faz no trabalho. São nos atos que você prova que é capaz de algo, de fazer algo com qualidade. Eu me formei. Apreendi um monte de coisas na faculdade. E está tudo guardado na minha cabeça. Mas muita gente ao meu redor recebeu um papel igual ao meu e não tem nada realmente guardado na cabeça. Aprendeu para fazer as provas e trabalhos e esqueceu. Elas

não queriam realmente aprender, elas não tentavam. Mas quando eu estou lá, editando um livro, você vê que eu trabalho bem. E se você as vê editando um livro, você vê que elas não trabalham bem.

- Não entendi o que isso tem a ver comigo...

- Você quer se escritor.

- Sim. – Assenti.

- E ainda não vi ninguém que conseguisse ensinar alguém a ser um bom escritor com regras e métodos. Veja, regras e métodos são importantes. Eles ajudam. E é isso que a faculdade ensina. Mas eles não são tudo. Ninguém pode te ensinar a ser criativo ou apaixonado pelo que faz. Tem coisas que vem de você antes de tudo. Você já tem essas coisas. Se não conseguiu passar nos cursos nas faculdades que queria para aprender regras e métodos, você pode aprendê-los sempre em um novo lugar. No fim, acho que o que estou tentando dizer é...

- Ame o que você faz e do resto fica fácil correr atrás. – Falei.

- Mais ou menos isso. – Ela respondeu, rindo.

Amanda terminou seu cigarro e jogou as bitucas fora.

- Quando eu era mais nova... – Ela começou, olhando para o céu. – Eu me lembro de não acreditar que eu conseguiria alguma coisa um dia. Eu achava que jamais conquistaria nada. Foi quando eu tinha a sua idade. Fiz o vestibular sem jamais acreditar que passaria. Fui fazer faculdade sem acreditar que conseguiria terminar. Fui morar em outra cidade sem acreditar que eu conseguiria aguentar por muito tempo. Cada dia era uma luta. Mas eu não podia desistir, porque eu pensava: “Se eu desistir, que tipo de exemplo eu vou estar dando ao Rodrigo?”. Quando eu fui para a Inglaterra, eu acordava todo dia encantada e ia dormir todo o dia pensando em voltar para casa. Eu sentia que não conseguiria suportar ficar longe de tudo que me fazia sentir segura. Minha família, meus amigos, minha casa. Mas então, eu olhava para o céu e me lembrava que estávamos todos juntos, vivendo sob o mesmo céu. Uma infinidade de pessoas e todos aqueles que eu amava. Eu imaginava todos olhando para o mesmo céu que eu. E eu sentia todos mandando força, para eu continuar meus sonhos, para mim, através do céu. A força do céu, tão azul... me ajudava a continuar lutando, tentando, mesmo quando ficava difícil. Mesmo quando eu achava que tudo ia cair sobre a minha cabeça, o céu se mantinha firme; eu tinha que ser firme, ou não conseguiria.

Eu não fazia ideia de que ela se sentira daquela maneira.

- Olhe para o céu. – Ela disse e eu olhei. – Quando você se sentir fraco, sem forças, sozinho, pensando em desistir... olhe para o céu e lembre-se que, onde quer que estejamos, todos nós que amamos você estaremos olhando para o mesmo céu que você, lhe mandando força para você continuar correndo atrás da sua felicidade.

- Amanda... eu não sabia... – Comecei, mas ela não me deixou terminar.

- Eu sei, eu sei. Eu só estava tentando proteger vocês, fazer vocês acharem que eu era forte. Por isso escondi isso. Está tudo bem.

Ela voltou a abraçar meus ombros.

- Você é forte, Amanda.

Ela olhou para mim e sorriu.

- Se você acha que eu sou forte, então eu acho que realmente sou.

GL

Ficamos ali sentados, observando o céu. Amanda tinha esse poder, ela conseguia abrir meus olhos. Então, eu conseguia ver. Ia ficar tudo bem, ia dar tudo certo. E se não desse... agora eu conseguia achar a força para continuar tentando sempre.

Capítulo 06 – Paredes

Dois dias antes de Amanda e Julie se mudarem efetivamente, Julie desistiu e disse que Amanda poderia ficar com tudo.

- O que? Como assim você não quer mais se mudar? O que aconteceu? – Eu me lembro de ouvir Amanda falando na cozinha.

Estava abraçado à Maria Clara e estávamos os três vendo um filme na televisão na sala quando Amanda saiu para atender o celular. Apesar dela estar na cozinha, éramos capazes de ouvir tudo o que ela dizia. Olhei para Maria Clara e ela me olhou de volta. Parecia preocupada.

- Não, mas Julie... Você não vai... Mas o que... Deixa eu falar... Espera um pouco... Deixa eu falar!... Se acalma, o que aconteceu?... Como assim não aconteceu nada?... Mas e as suas coisas?... Mas então eu devo pelo menos... Metade de tudo é seu... Eu deveria pelo menos pagar a você... Eu não ligo se foi ele quem deu o dinheiro, é algo seu... Julie, você não entende? É muito dinheiro!... Você não pode fazer isso!... Mas... Alô?... Ela...!

Em seguida, ela bufou com raiva. Nunca tinha ouvido Amanda brava como naquele dia. Abaixei o som da televisão e tirei o braço ao redor de Maria Clara para ir ver o que acontecia. Maria Clara ficou atenta.

- Ei. – Disse da porta da cozinha.

- Ei. – Ela respondeu, suspirando, largando o celular em cima da bancada da cozinha na qual ela estava apoiada.

- Está tudo bem? – Perguntei. – Não deu para evitar ouvir... O que aconteceu?

- Julie disse que não vai mais mudar. Disse para eu ir sozinha. Disse que eu posso ficar com o apartamento só para mim e com todos os móveis! E quando eu falei de devolver o dinheiro que ela gastou, ela disse que não queria e quem pagou por tudo foi o pai dela, por isso ela não ligava. Eu tentei insistir e ela desligou na minha cara.

Amanda apoiou os braços na bancada e a cabeça nos braços. Suspirou.

- E o que você vai fazer? – Perguntei.

- Vou pagar a parte dela, pelo menos, o quanto eu conseguir. Se eu soubesse que ela ia acabar dando para trás, nunca teria entrado nessa; o que eu sequer vou fazer com todo aquele espaço? Três quartos? Era ela quem queria um segundo quarto para poder fazer um escritório. E eu conseguia bancar apenas metade. É muito caro para eu pagar por tudo sozinha. Isso provavelmente vai sugar todo o meu salário, toda a minha poupança... – Ela ergueu a cabeça. – Desculpa, estou enchendo o seu saco.

- Não tem problema, você não está enchendo o saco. Ela disse por que fez isso? – Perguntei.

- Eu não sei porque... Eu achava que estava tudo bem...

Decidi não perguntar o que era, tendo em vista de que ela já parecia chateada o suficiente e o assunto poderia ser bem sensível.

- Não creio que ela fez isso com você. Que tipo de amiga ela é? – Perguntei, já começando a sentir raiva de Julie quando pensei nos problemas que aquilo poderia causar.

- Tenho certeza de que não é culpa dela. Julie é uma boa pessoa, uma boa amiga. Tenho certeza de que ela tinha suas razões e de que eram boas ou ela não teria feito isso.

- Mas... e agora? O que você vai fazer? – Perguntei.

- Eu não faço ideia! – Ela disse, abaixando a cabeça novamente. – Como foi que isso aconteceu? Mesmo que eu vendesse o apartamento, o que eu ia fazer com todos os móveis que compramos? E mesmo que eu conseguisse devolver ou vender tudo, e o emprego que eu tenho lá? Eu poderia investir em um lugar menor...

Maria Clara estava na porta, ouvindo. Amanda a ouviu vindo e pareceu pensar em algo.

- Talvez eu tenha tido uma ideia.

- O que é? – Perguntamos os dois.

- Maria Clara passou na faculdade, certo? Em Economia, no mesmo lugar que eu estudei.

- Sim. – Disse Maria Clara. – Mas minha mãe não vai me deixar ir para lá ficar sozinha e morando em um dormitório junto com desconhecidos...

As duas se entreolharam, se entendendo.

- Mas não teria problema para ela se você viesse morar comigo. Eu cuidaria de você.
– Falou Amanda.

- E eu poderia arrumar um emprego e ajudar a pagar pelas coisas do apartamento. – Falou Maria Clara, com os olhos brilhando. – Eu teria um lugar seguro e confortável para morar e poderia fazer faculdade.

Amanda não poderia chamar Maria Clara para morar com ela estando em acordo com outra pessoa, mas uma vez que Julie havia saído do barco, Maria Clara poderia subir nele. Amanda ainda teria que recorrer à suas economias para devolver o que Julie já pagara do apartamento, mas com mais alguém ela aguentaria tranquilamente pagar pelas próximas parcelas.

Depois, as duas se entreolharam, olharam para mim e depois de entreolharam novamente.

- Ele poderia morar com a gente. – Maria Clara disse.

- Ele arrumando um emprego lá, poderia ajudar a pagar pela outra metade, cada um de vocês pagaria por um quarto do valor e vocês não teriam problemas. – Amanda falou.

Acenei para elas, dizendo:

- Sabe, eu ainda estou aqui, caso não tenham percebido.

Elas apenas sorriram para mim.

- Vou ligar para minha mãe. – Falou Maria Clara.

- Vou chamar nossos pais. – Disse Amanda.

As duas me deixaram sozinho na cozinha.

- No que foi que elas acabaram de me meter? – Perguntei a mim mesmo em voz alta.

Em menos de cinco minutos estavam todos lá. Eu, Amanda, Maria Clara, nossos pais e a mãe de Maria Clara... por telefone, pelo menos.

Maria Clara deixou que Amanda explicasse tudo para eles, inclusive a parte que me envolvia da história. Em que momento eu havia concordado com aquilo, eu não fazia ideia. Mas não parecia nada mal. Talvez um pouco estranho, mas definitivamente nada mal. Nós três nos dávamos bem. Amanda nunca seria um problema, já que dividimos um quarto por anos, dividir um apartamento seria fácil. Eu e Maria Clara respeitávamos os espaços compartilhados com outras pessoas de forma que não saíamos por aí nos pegando. E nós não tínhamos “tal” tipo de... intimidade, de forma que isso não seria um problema, ao menos por enquanto.

No fim das contas, a maior preocupação dos nossos pais foi financeira. Amanda arrumara emprego facilmente, mas e se isso não acontecesse comigo e com Maria Clara? E se nós demorássemos muito ou não conseguíssemos arrumar empregos, como Amanda pagaria pelo apartamento sozinha? Nenhum deles tinha condições de oferecer muita ajuda financeira, nossos pais haviam reformado a própria casa recentemente. A mãe de Maria Clara era uma só trabalhando.

Amanda explicou que havia muitas ofertas de emprego lá e depois de algum tempo mostrando para eles na internet e lendo em voz alta para a mãe de Maria Clara as quantidades e tipos de ofertas de emprego com carteira assinada e salários de cada um, eles pareceram aceitar que daria certo.

E Amanda não disse isso para eles, mas confidenciou a mim e a Maria Clara mais tarde naquela noite que, se tudo desse errado, eu e Maria Clara poderíamos picar a mula com nossas malas na mão de volta para a casa de nossos pais e ela iria morar em uma pensão e venderia o apartamento e todos os móveis o mais rápido possível, nos devolveria qualquer dinheiro que tivéssemos pago e investiria o que sobrasse – se sobrasse algo – em um apartamento sala-cozinha-banheiro, como ela chamou. Maria Clara teria que trancar a faculdade, mas ela poderia retomar mais para frente quando as coisas melhorassem.

De toda forma, Amanda acabou realmente se mudando dois dias depois. Ela não quis que ninguém fosse ajudar: ela mesma montou todos os móveis necessários sozinha. Os armários do banheiro, da cozinha e dos quartos já haviam sido instalados, assim como as estantes de livros. As cômodas eram semi-novas, de forma que elas receberam os móveis prontos. Mas ela ainda montou as camas, escrivaninhas e o suporte da televisão.

Não faço ideia de quanto tempo ela demorou para montar tudo ou se ela não acabou chamando alguém para montar os móveis, mas só fui lá no mês seguinte e já estava tudo pronto. Tudo montado, os quadros pendurados, tudo limpo e em seu devido lugar. Nem uma única caixa a vista.

Quando eu entrei no apartamento, foi como se uma onda gigantesca me atingisse. Uma onda de cores diante dos meus olhos; eu conseguia vê-las.

Na sala, móveis marrons, detalhes em laranja, alguns pequenos toques de preto. Na cozinha, preto e branco nos ladrilhos do chão e da parede, eletrodomésticos cromados, bancadas de pedra creme, combinando com o estofado das cadeiras da mesa de jantar. O corredor seguia igual a sala. Os banheiros eram brancos decorados em verde. O primeiro quarto, que eu dividiria com Maria Clara, o antigo quarto de Julie, tinha madeira e era tudo amarelo com detalhes roxos. O segundo quarto, o escritório, era todo vermelho, rosa e branco. Por fim, o terceiro quarto, o quarto de Amanda, era azul. Azul por todos os lados, de todas as tonalidades, chegando até o índigo.

- Amanda... – Eu falei pela primeira vez desde que entrara no apartamento, parado à porta do quarto dela, totalmente sem reação.

Amanda estava ao meu lado, me acompanhando naquela jornada silenciosa pelo que seria nosso futuro, ainda que mais seu do que meu, com o nosso passado estampado em toda parte. Em cada parede, em cada pequeno detalhe, eu apenas sabia, era como se eu pudesse ver, eu podia ver.

Pisquei os olhos várias vezes, mas as cores estavam cravadas na minha mente.

- Tudo bem? – Amanda perguntou.

- Azul...? – Eu falei, apontando para o quarto dela.

Meu corpo inteiro tremia. Ao invés de parecer surpresa, ela apenas sorriu e concordou. Eu comecei a chorar. Ela deixou que eu chorasse em seu ombro e dava tapinhas nas minhas costas para tentar me acalmar.

- Como é possível? – Eu perguntei, entre soluços.

- Apenas é. As cores estão na sua mente, não nos seus olhos. Sempre estarão aí. Você as entende aqui dentro. – Ela bateu com o dedo na minha têmpora. – E então você consegue... “vê-las”.

Ela me empurrou para que eu olhasse para ela. Ela deu de ombros e perguntou:

- Entende?

Concordei com a cabeça. Eu entendia o que ela queria dizer, com as palavras, ou simplesmente olhando em volta. As cores se encaixavam no ambiente. Fazia sentido.

Funguei e limpei as lágrimas do rosto.

- Ficou muito bonito. – Falei para ela, sorrindo.

- Obrigada. – Amanda olhou em volta e sorriu também. – Eu também gostei muito.

Capítulo 07 – Infância

Quando eu era criança, lembro-me de que a maior parte dos momentos de lazer da minha irmã, ela passava lendo. Ela adorava ler, lendo muito, um livro atrás do outro, vários ao mesmo tempo. Eram romances, contos, poesias, histórias em quadrinhos. Se ela ficasse muito tempo parada, meio que sem fazer nada, você a pegaria, subitamente, lendo a tabela nutricional do vidro de vitaminas, ou o que quer que fosse que ela tivesse perto.

Um dia, eu estava entediado, sem saber muito o que fazer, perdido perambulando pela casa. Nossos pais estavam no trabalho e eu estava sozinho com Amanda. Eu fiquei com vergonha de pedir para ela soltar seu livro para brincar comigo, então, ao invés, eu perguntei se ela poderia me emprestar um de seus livros.

Ela colocou o marcador na página em que havia parado e fechou o livro, pensando. Ela repassou alguns de seus livros, em busca de um que eu gostasse, até decidir por uma história em quadrinhos. Eu sentei na minha cama para ler e ela voltou a ler na dela.

Não lembro qual era o nome da história nem muito do que acontecia, mas lembro que eu gostei muito. Quando nossos pais chegaram em casa, viram nós dois em nossas camas lendo. Eles adoraram a cena, chegaram até a tirar uma foto, antes que nós dois percebêssemos e largássemos os livros para pular em cima deles.

Depois daquele, eu pedi outro emprestado. Uns dias depois, outro. Foi no terceiro que ela me deu um livro de contos para ler. Eu sentei por horas na minha cama, durante a noite, absorvido pelas histórias. Eu não lia tanto quanto ela, mas havia algo naquela arte que me encantava.

Foi naquela noite que acordei após um pesadelo e percebi que Amanda não estava na cama. Espiei pela fresta da janela, com medo de que Amanda estivesse lá fora. Nós não tínhamos permissão para sair no quintal à noite sozinhos. Mas ela não estava lá.

Caminhei até a sala e a encontrei deitada, encarando o chão.

- Está tudo bem? – Perguntei.

Ela deu de ombros.

- Estou meio triste. – Amanda respondeu.

- Por quê?

- Eu não sei ao certo...

- Você não precisa ficar triste. – Eu falei, chateado.

- Eu sei que não. Eu só não consigo evitar.

- Sabe, quando eu estou triste, eu vou até o quarto dos nossos pais e aperto a mão da mamãe até que eu me sinta feliz de novo. Se você quiser, eu posso acordar a mamãe para você apertar a mão dela.

- Não, não. Não precisa acordar a mamãe. – Amanda respondeu, rápido.

Olhei para baixo, pensando.

- Ou você pode apertar minha mão, se quiser.

Estendi a mão e ela a apertou. Ela sorriu, ainda que de forma triste.

- Sim, acho que já começo a me sentir melhor.

- Viu só? Sempre funciona! Agora vem, já passa da nossa hora de dormir.

- Eu não consigo dormir. – Amanda falou.

Naquele momento, eu lembrei que eu tinha acordado por causa de um pesadelo. Sempre que eu tinha um pesadelo, eu costumava deitar com Amanda. Eu muitas vezes tinha vergonha de ir até o quarto dos meus pais porque queria que eles me vissem como um garoto grande e forte e sentissem orgulho de mim. Em algumas ocasiões, quando me sentia mais assustado, eu acabava indo dormir com eles, mas na maior parte das vezes, era para Amanda que eu desabafava meus medos infantis.

- Você teve um pesadelo? – Perguntei. – Você pode dormir comigo, se quiser. Aí, juntos, somos mais fortes contra os pesadelos.

- Por acaso... – Amanda perguntou. – Você não teve um pesadelo? Foi isso que te acordou?

- Sim... – Eu respondi, olhando para o chão.

- Venha, vamos te levar para o quarto. Você pode deitar comigo, se quiser.

- Tudo bem. – Eu respondi.

Em seguida, me lembrei:

- Por que você não consegue dormir?

- Eu não sei. Fico pensando... não sei.

Amanda segurou minha mão enquanto a gente voltava.

- Eu queria poder te proteger de tudo, Rodrigo. Mas eu acho que não posso. Tem coisas das quais ninguém pode nos proteger.

- Eu não preciso que você me proteja de tudo. Eu já sou bem grandinho.

- Acho que você é. – Ela disse, enfim meio que rindo.

- Mas... – Comecei e ela olhou para mim. – Você e nossos pais ainda podem me proteger dos monstros, né?

- Claro, Rodrigo. Nós sempre vamos lutar para te ajudar a derrubar esses monstros. E um dia, você vai ser grande e derrubar todos sozinho.

- Sim. – Concordei. – Um dia ainda vou ser bem grande, maior que os monstros! Mais forte que eles, também! E então, mana, eu vou te ajudar a derrotar seus monstros também.

- Eu tenho certeza de que vai. – Amanda sorriu.

Demorou algum tempo para eu entender tudo o que acontecera naquela noite. Da mesma forma como às vezes eu me sentia sobre meus pais, Amanda se sentia sobre mim. Havia coisas que ela não contava para me proteger, para tentar não me decepcionar. Ela queria que eu tivesse orgulho dela.

Acabou que ela estava certa. De um jeito mais indireto, eu consegui ajudar Amanda a vencer os monstros que a perseguiam. Fiquei feliz de poder ajudar a minha irmã a ser feliz, assim como ela havia me ajudado a ser feliz. Eu consegui me erguer sobre meu monstro cinzento com a ajuda dela. Então, veio a vez dela.

Conforme eu cresci, fiquei feliz dela ter parado de esconder coisas de mim. Dela ter me contado as coisas que realmente aconteciam, que ela realmente sentia. Eu não precisava mais ser protegido. Ela não precisava fazer aquilo. E não importava o que acontecesse, eu sempre teria orgulho dela.

Capítulo 08 – Safira

Maria Clara e eu nos mudamos para o apartamento de Amanda pouco tempo antes de começarem as aulas. Eu não sabia direito como me sentir de voltar a morar com Amanda depois de tanto tempo com ela longe, ainda mais: sem nossos pais. Eu acabava ficando meio triste sempre que pensava nos dois morando sozinhos na casa onde crescemos, torcendo para que eles ficassem bem e não se sentissem solitários sem nós dois por perto.

Também havia o fato de que eu estaria morando com a minha namorada e dividindo o quarto com ela, o que me deixava bem inseguro. Não era como se eu e Maria Clara nunca tivéssemos dormido juntos, ela já dormira em casa diversas vezes; quando estava muito tarde, era normal acabarmos dormindo no sofá antes do final de algum filme mais chato. Mas nós nunca tínhamos partido para... a próxima etapa e nos relacionado mais intimamente.

Droga, nós dois ainda éramos virgens. E então, íamos dormir na mesma cama todos os dias. Eu estava morrendo de medo.

Conforme organizávamos nossas coisas no quarto, eu consegui perceber o que Amanda me dizia, de maneira mais subjetiva, mas ainda assim muito clara para mim: tenha respeito. Não era porque ela deixara a gente dividir o quarto (porque sim, ela podia ter jogado cada um de nós em um quarto, mas não o fez) que ela deixaria qualquer coisa acontecer ali.

Amanda queria que a respeitássemos e a sua presença no apartamento, o ambiente que ela agora chamava de lar, e respeitássemos também um ao outro. Eu tentava não pensar nisso e não suar frio toda vez que pensava.

Não levou mais do que um dia para arrumar as coisas que tínhamos, não era muito, apenas o mais básico: roupas, objetos pessoais, alguns livros. Por ser o meio da semana, mal vimos Amanda. Ela passava quase o dia inteiro no trabalho e não voltava para casa para almoçar porque a editora era muito longe do apartamento.

Quando era fim de tarde, ela chegou. Ela tinha entregado para nós cópias das chaves e nos ajudou a montar currículos para procurarmos empregos. Ao sair com ela pela cidade para aprender a chegar nos lugares e andar nas linhas de ônibus, percebi como ela tinha mudado depois de todos aqueles anos.

Sim, Amanda ainda era mais tímida e quieta, mas ela conversava mais, com mais desenvoltura. Ela se tornara mais aberta, mais simpática, mais alegre e calorosa. Ela conseguia ser com pessoas mais distantes da maneira que ela só costumava ser com os mais próximos. Mas a principal mudança era a alegria que ela parecia irradiar. Ela falava com toda a educação, respeito e polidez que sempre tivera, mas falava mais alto, com mais confiança, mais sorridente.

Eu senti um aperto no peito. As pessoas davam mais atenção para ela, olhavam mais para ela. Ela mudara no período da faculdade, no período fora do país. Ao mesmo tempo em que meu peito se apertava, ele se enchia de felicidade de ver como ela parecia melhor. Era inevitável que ela mudasse, conhecesse novas pessoas, até talvez encontrasse alguém com quem dividir a vida um dia, mas eu nunca tivera que dividir Amanda com ninguém. Eu apenas tinha que me acostumar com a ideia de que isso ia acabar acontecendo e parar de sentir ciúmes. Nada daquilo mudaria nossa relação.

Preocupava-me um pouco a maneira como os homens olhavam para Amanda e, mais tarde naquela noite, foi como se Maria Clara lesse meus pensamentos e tocasse no assunto quando estávamos indo dormir.

- Sabe, eu não entendo como Amanda ainda não encontrou ninguém por quem se interessasse. Além do que, eu reparei que ela atrai bastante atenção, ela é muito bonita. Duvido que nenhum homem a tenha chamado para sair.

- Não sei se confio nesses homens daqui. – Falei, torcendo o nariz. – Não sei, nenhum deles parece ser bom o suficiente para Amanda. Ela merece alguém a altura dela, inteligente, trabalhador, amável, alguém que a trate bem.

- Sim, ela merece. Mas você não tem como saber se os homens que se interessam por ela são assim ou não. Você está só sendo ciumento porque nunca teve que dividir Amanda.

- Não estou sendo ciumento! Eu só quero protegê-la para que ela não acabe com um traste qualquer. – Disse, deitando na cama.

- Amanda pode muito bem cuidar disso sozinha, você não precisa protegê-la. E nem ter medo de que alguém tome todo o tempo dela e você acabe de lado.

- O que? Eu não estou com medo, eu sei que nenhum relacionamento romântico poderia atrapalhar minha relação com Amanda. É só que... ela já sofreu tanto... e ela tem só vinte e dois anos! Eu não quero que ela sofra mais...

- Bem, nesse ponto você está certo. Amanda já passou por uns caminhos difíceis. Emocionalmente, fisicamente... – Maria Clara deitou-se ao meu lado, apoiando a cabeça em meu ombro. – E acho que dei sorte eu e Amanda acabarmos ficando amigas, ou nem sei o que teria acontecido com nós dois.

- Nós dois demos sorte, se for assim. – Eu disse e beijei o topo da cabeça dela. – Mas eu sempre soube que Amanda gostaria de você. Eu só esperava que você gostasse dela também.

- Como você podia ter tanta certeza de que ela gostaria de mim? – Maria Clara perguntou, segurando a manga da minha camiseta.

- Você é doce e boa. Como qualquer um não gostaria de você? – Maria Clara afagou o nariz no meu peito. – Além disso, eu me apaixonei por você. Para Amanda, isso já significa bastante. Se você me faz feliz, faz ela feliz também. E se alguém a fizer feliz, vai me fazer feliz também.

Maria Clara ficou em silêncio pelos momentos que se seguiram. Em um momento, eu estava quase dormindo quando ela disse:

- Eu te amo, Rodrigo.

Eu sorri e me virei de frente para ela, aproximando nossos rostos de forma que nossos narizes se tocavam.

- Eu te amo, Maria Clara.

Ela sorriu e foi a última coisa que eu vi antes de adormecer.

Conforme o tempo passava, Maria Clara se entusiasmava com as aulas. Amanda conseguiu arranjar para ela um emprego na recepção de uma escola de idiomas do lado da faculdade dela. Eu também arrumei um emprego de meio período como auxiliar de escritório. O restante do tempo, eu ficava enfiado no escritório estudando para tentar passar no vestibular naquele ano.

Um sábado, eu acabei ficando acordado muito mais tarde do que o normal, Maria Clara já dormia, mas eu continuava sem sono. Cansado de estudar, saí para o corredor e vi que a luz do quarto de Amanda estava acesa, a porta entreaberta.

Eu bati à porta delicadamente, sabendo que ela estava acordada apesar do horário.

- Entre. - Ela disse, em voz baixa.

Adentrei ao quarto e ela estava sentada na banqueta, de costas para a penteadeira, parecendo tristemente distraída com algo, olhando para as mãos em concha.

- Ei. Está tudo bem?

- Sim. - Ela disse. - É só...

Ela separou as mãos e pude ver o anel que ela usava no anelar da mão direita. Ele era fino, com uma pedra solitária aninhada no metal no que lembrava um pequenino botão de rosa.

Amanda reparou que eu encarava o anel e falou:

- É uma safira. Ouro branco e safira...

- É muito bonito. - Eu disse. - Quando você comprou?

- Não comprei. - Ela olhava o anel com uma expressão que me lembrava tristeza, pena e remorso, mas sem chegar a ser nenhuma delas.

- Foi presente?

- Mais ou menos. - Ela disse, tirando o anel do dedo e o erguendo contra a luz. - Olhe bem, Rodrigo. É um anel de noivado.

- Oh. Nossa. Mas.. quando... quem... você está noiva? - Foi tudo que eu consegui dizer e Amanda riu. - Eu não sabia nem que você tinha um namorado.

Amanda suspirou.

- Julie me pediu em casamento.

- Oh. Puta merda!

- Pois é. Eu tive a mesma reação.

- Mas... me explica isso melhor, eu estou meio confuso.

Ela fez sinal para que eu me sentasse na cadeira que havia ao meu lado, que dava de frente para a janela dela. Depois que eu me acomodei, ela começou a falar:

- Você lembra do dia em que eu voltei da Inglaterra?

- Sim. Julie te buscou no aeroporto.

- Sim. Quando ficamos sozinhas, ela me deu esse anel e perguntou se eu queria me casar com ela. Ela disse que eu ter ido embora a fez pensar e ela percebeu que nunca mais queria se separar de mim. Ela percebeu que estava apaixonada por mim, que me amava, e queria passar o resto da vida comigo.

- E você já desconfiava disso? - Perguntei.

- Se eu desconfiasse, talvez eu tivesse tido uma reação melhor do que dizer "puta merda" e ficar sem saber o que dizer logo em seguida.

- E... você aceitou?

- Não. Eu tive que ser sincera. Eu não amo e nem poderei amar ela do jeito como ela me ama. Ela tem que encontrar alguém que possa corresponder os sentimentos dela. E essa pessoa simplesmente não sou eu.

- Ah, entendi.

Amanda suspirou, antes de dizer:

- Eu sou assexual, Rodrigo.

Fiquei uns segundos parado com cara de paspalho antes de dizer sabiamente:

- Espera, você o que?

- Eu sou assexual. Em suma, quer dizer que eu não sinto atração sexual. Tem pessoas assexuais que se apaixonam, mas eu acho que apenas não sou uma delas. Eu nunca me apaixonei. Eu me sinto bem do jeito que sou e nunca senti como se precisasse me apaixonar ou construir um relacionamento como o meu e da Maria Clara, por exemplo. Mas quando Julie me pediu em casamento, eu me senti mal por ela. Ela merece alguém que possa amá-la como ela me ama. E eu a amo como amiga, como uma irmã, e nada mais.

- E... depois?

- Ela me pediu desculpas. Eu tentei devolver o anel, mas ela disse que queria que eu ficasse com ele, porque ela tinha comprado especialmente para mim. Eu me senti ainda pior. Mas depois, ela pareceu esquecer a história e parecia que poderíamos seguir o plano de morar juntas como amigas. Ela disse para seguirmos em frente e esquecermos que isso um dia aconteceu... Até, é claro, o dia em que ela me ligou dois dias antes da mudança.

- Ela disse que não podia morar com você. – Falei e Amanda assentiu.

- Julie disse que não suportaria viver ao meu lado sabendo que eu não podia amá-la. Ela disse que, vivendo comigo, ela jamais conseguiria me esquecer. E que o melhor para nós duas seria ficarmos distantes por algum tempo.

- Nossa, essa deve ter doído. – Eu disse, pensando em como Amanda deve ter se sentido ao ouvir a garota que se tornou sua melhor amiga dizendo a ela para que se afastasse.

- Sim, eu fiquei magoada. Eu não queria perder minha amiga. Eu não quero perder minha amiga. Mas eu não sei o que mais eu poderia fazer.

Ela guardou o anel dentro de uma pequena caixa e o colocou junto com alguns poucos outros acessórios que ela tinha.

- Eu não posso mudar quem eu sou. – Amanda disse.

Levantei-me do meu lugar e sentei ao lado dela.

- Eu sinto muito.

- Eu também. – Ela apertou minha mão.

- Mas tudo bem. Nós estamos aqui. – Falei, me referindo a mim e a Maria Clara.

- Ainda bem. Eu não sei o que faria aqui sozinha se não fosse por vocês. Eu ia acabar me sentindo muito sozinha com esse tanto de espaço sobrando.

- Você provavelmente arrumaria um cachorro. Ou algum animal.

- É verdade. – Amanda riu. – Definitivamente um cachorro. E ele ia ficar com o quarto de vocês.

Após algum tempo de conversa mais leve, Amanda pareceu mais descontraída e eu fui para o meu quarto dormir, deixando-a para que descansasse também. Deitei a cabeça no travesseiro, me sentindo exausto. Maria Clara se virou e passou um braço ao redor de mim. Sem abrir os olhos, ela perguntou:

- Está tudo bem?

- Sim, está tudo bem. – Eu respondi em um cochicho e pude ouvir sua respiração mudar quando ela caiu no sono novamente.

Capítulo 09 – Lágrimas

No final daquele ano, eu consegui entrar na faculdade. Apesar de ter me esforçado, fiquei surpreso, porque não realmente achei que conseguiria. Minha família toda ficou muito feliz. Eu seguia os passos de Amanda, fazendo o mesmo curso que ela fizera.

Meu aniversário passou e no aniversário de Amanda, eu lhe dei de presente um gato. Ela olhou de forma desconfiada para a caixa toda esburacada a sua frente. Quanto puxou a tampa e um minúsculo gato pulou para fora, ela deu um grito e em seguida começou a rir.

- Minha nossa, um gatinho! É fêmea ou macho? – Ela perguntou, afagando o animalzinho.

- É macho. A mãe foi resgatada da rua pouco antes de ter os filhotes e a dona não podia manter tantos gatos, então pensei que você gostaria de um para fazer um pouco de companhia, já que eu e Maria Clara não ficamos muito em casa e você às vezes passa bastante tempo sozinha, principalmente nos fins de semana... – Expliquei.

- Eu adorei. – Amanda disse, pegando ele no colo. – Ele é uma graça.

- Já sabe que nome vai dar à ele? – Perguntou Maria Clara, sorrindo.

- Pior que não. Não sou boa para esse tipo de coisa, talvez ele fique um tempinho sem nome... Mas eu gostei muito. Vai ser legal ter um bichinho para nos fazer companhia.

Amanda já segurava o gatinho no colo, fazendo carinho no topo da sua cabeça. A partir daquele momento, seria normal encontrá-la na sala ou deitada na cama do próprio quarto lendo um livro com o gatinho sem nome aninhado ao seu lado.

O Natal chegou antes dela decidir que nome dar ao gato. No fim daquele ano, eu estava quase terminando de escrever meu primeiro romance. Amanda estava feliz com seu emprego, juntando dinheiro para sua editora, pagando Julie o que ela devia do apartamento. Maria Clara estava feliz com a faculdade, ainda que achasse seu emprego bem chato, não faltava muito tempo para que ela conseguisse estagiar na área que gostava.

A mãe de Maria Clara chamou o namorado para morar com ela e os nossos pais tiraram férias e foram viajar antes de nos reunirmos todos na casa deles para o Natal. E tudo parecia estar correndo bem.

Um fim de tarde, Amanda estava pagando as contas quando tocaram a campainha e ela gritou nos dizendo que atenderia. Eu e Maria Clara continuamos na sala e ela foi da cozinha até a porta. Era Julie. Ao a ver, Amanda sorriu.

- Ei, tudo bem? Você não disse que vinha...

- Eu... sinto muito aparecer aqui sem avisar. – Disse Julie em voz baixa, com seu jeito tímido de sempre, cumprimentando eu e Maria Clara. – Ahn, oi, como vão?

Em seguida, pude ouvi-la sussurrar:

- Ah, Amanda, eu preciso falar com você.

Amanda fez sinal com a cabeça para que ela entrasse na cozinha para elas poderem conversar em particular. Então, eu e Maria Clara voltamos a nos concentrar no noticiário que assistíamos. Foi impossível ouvir o que exatamente foi dito lá dentro; ambas eram muito talentosas no quesito de falar baixo.

O noticiário acabou e um filme começou em seguida, e elas continuavam lá dentro conversando. Depois de uma meia hora de filme, Maria Clara estava dormindo encostada no meu ombro e as duas saíram da cozinha.

- Bem, eu espero que você vá passar o Natal com a gente amanhã, vamos estar na casa dos nossos pais. – Disse Amanda à Julie.

- Seria muito legal se você fosse. – Eu falei para Julie, tomando cuidado para não acordar Maria Clara enquanto me virava.

- Ah, eu não quero incomodar...

- Você não incomoda, Julie. – Falou Amanda, colocando as mãos sobre os ombros de Julie. – Eu quero que você vá.

- Eu... eu vou pensar, então. – Disse Julie e se despediu e se foi.

Amanda sentou-se à mesa.

- Está tudo bem? – Perguntei.

- Julie me devolveu todo o dinheiro que eu tinha dado para ela. Ela não trouxe tudo aqui, mas ela trouxe algum. Como ela pôde fazer uma coisa tão perigosa, andar por aí com tanto dinheiro em mãos? Nunca faça algo assim.

- Tudo bem, não farei. Mas por que ela devolveu o dinheiro?

- Ela nem queria que eu pagasse, para começo de conversa. Ela disse que não era justo que eu gastasse tanto do dinheiro que eu trabalhava para ter só para devolver a ela dinheiro que ela não queria. Ela disse que se eu não pudesse aceitar o dinheiro do apartamento, que aceitasse como um investimento na minha futura editora, algo do tipo. Passamos bastante tempo discutindo, mas eu tive que aceitar; ela não ia desistir até eu aceitar. Mas depois conversamos normalmente e eu chamei ela para passar o Natal com a gente.

- Legal, eu espero que ela venha. Eu não conheço muito ela, mas eu gosto do que eu conheço dela. Além do que, ela é sua melhor amiga. Isso já significa alguma coisa.

- É... – Amanda sorriu. – Acho que sim... Eu realmente espero que ela apareça.

No dia seguinte, arrumamos nossas coisas logo de manhã e depois do almoço subimos no carro de Amanda. Ela me disse que Julie mandou uma mensagem pedindo desculpas, mas que ela não poderia ir passar o Natal com a nossa família. Amanda colocou uma música no rádio e não disse uma palavra durante o trajeto inteiro.

Amanda estacionou na garagem dos nossos pais, atrás do carro deles, e eles vieram nos receber.

- Minhas crianças! Quanto tempo faz que eu não vejo vocês? – Perguntou nossa mãe, segurando minhas bochechas.

- Duas semanas, mãe.

- Nossa, parece que faz mais tempo!

- Vocês precisam de ajuda com alguma coisa? – Perguntou Amanda.

Nossos pais pediram à Amanda que fosse buscar a nossa avó na casa dela e disseram para Maria Clara que a mãe dela só chegaria à noite, vinda direto da praia. Nós quatro entramos enquanto Amanda saía novamente. Já que eles não tinham ficado muito tempo lá antes do Natal, a casa não estava decorada, meus pais deixaram que eu e Maria Clara fizéssemos isso enquanto eles cuidavam de preparar as comidas.

Demorou mais do que esperávamos até Amanda voltar com a nossa avó. Assim que vovó entrou, ela se sentou na frente da televisão e Amanda sussurrou para os nossos pais:

- Tinha algumas coisas desarrumadas na casa dela, quando foi a última vez que foram vê-la?

- Passamos lá hoje de manhã, ela disse que tinha coisas para fazer e para irmos busca-la mais tarde, antes de nos enxotar. – Disse nosso pai.

- Bem, parecia que alguém tinha tentado limpar a casa, mas só tinha conseguido espalhar a sujeira. Tinha também um copo quebrado no quarto e ela precisou de ajuda para tomar banho. – Continuou Amanda.

- O que? Mas ela parecia bem quando fomos vê-la ontem e hoje. – Disse nossa mãe. – Apesar da idade, ela nunca precisou de ajuda para fazer as coisas e não quebrava nada.

- Vocês devem conversar com ela. Talvez, agora que eu e Rodrigo já saímos de casa e tem mais espaço aqui, ela devesse vir morar aqui em casa... – Falou Amanda.

- Eu vou conversar com ela. – Disse nosso pai, com os braços cruzados. – Ela não vai gostar da ideia, mas parece ser a melhor opção, quer ela goste ou não. Eu vou acabar conseguindo convencê-la...

De resto, nossa avó não parecia muito estranha. Ela parecia estar tendo dificuldades em fazer coisas que antes ela fazia sem problemas, como andar e ficar de pé por muito tempo, mas ela se comportava até que normalmente. Eu e Maria Clara ficamos um bom tempo conversando com ela até a mãe de Maria Clara e o namorado chegarem, então Amanda sentou-se com ela.

A mãe de Maria Clara parecia ter ficado mais bonita desde que começara a namorar, provavelmente era a alegria em seus olhos: ele a fazia feliz. Eu gostava de como ela parecia tanto com Maria Clara, eram mínimas as características que Maria Clara tinha do pai, diferente de mim e de Amanda, que sempre parecemos muito com ambos os nossos pais e ainda mais um com o outro.

Quando enfim todos tinham chegado, nós nos sentamos e comemos. Nós nunca esperamos até a meia-noite para comer, nem nada parecido, como a maioria das pessoas tinha costume. Nós jantávamos espalhados entre a cozinha e a sala, assistindo televisão e conversando enquanto comíamos. Amanda estava no meio da refeição quando o celular dela tocou e ela pediu licença, saindo para a frente de casa para atender.

Não pude ouvir o que ela dizia, mas eu e Maria Clara reparamos como a sua expressão se apagou alguns segundos depois de ela atender a ligação. Maria Clara indicou para que eu continuasse comendo enquanto ela ia dar uma olhada. Ela esperou na porta enquanto Amanda terminava de falar.

Amanda desligou e, para minha surpresa, as duas se abraçaram em seguida. As duas se davam muito bem, mas Amanda não era do tipo que era abraçada daquela forma. Amanda era aquela que abraçava os outros para reconforta-los, não o contrário. Eu soube então que algo estava muito, muito errado.

Levantei-me quando elas entraram de volta na sala e todos ficaram em silêncio, olhando para as duas.

- Está tudo bem? – Perguntou nossa mãe.

- Eu sinto muito ter que sair assim e interromper o nosso Natal, mas acabaram de me ligar avisando que minha amiga está no hospital. – Amanda falou.

Meu coração perdeu um passo: Julie.

- Está tudo bem com ela? O que aconteceu? – Perguntou a mãe de Maria Clara.

- Eu não sei, não me disseram o que exatamente aconteceu, mas eu preciso ir vê-la. Eu sinto muito mesmo.

- Não se preocupe, querida. Vá ver como ela está, ela deve estar precisando de você.
- Disse nossa mãe.
- Eu vou com você. – Falei.
- Não, de jeito nenhum. Fique aqui e aproveite o Natal. – Amanda disse.
- Nós não sabemos o que aconteceu, não quero que você fique sozinha. – Respondi, ao lado dela.

Nossos pais nos olharam, depois se entreolharam e voltaram a olhar para nós dois, como que consentindo de que aquela era provavelmente a melhor opção.

- Não se preocupe, leve o Rodrigo. Não queremos que você faça isso sozinha. E não se preocupe, nós teremos muitas chances de passar tempo juntos, não só nos natais. – Falou nosso pai e Amanda assentiu.

Assim como quando fomos, ela dirigiu todo o caminho de volta e para o hospital sem dizer uma palavra. Já estava tarde da noite e a brisa fresca contrastava com o calor que fazia.

Entramos no hospital e não havia praticamente ninguém. Uma vez lá dentro, fiquei ao lado de Amanda enquanto ela falava com a enfermeira no balcão e informava o nome completo de Julie.

- Ligaram para mim falando que ela estava internada, mas não me disseram por que. Disseram que não conseguiram falar com a família dela e que ela chegou chamando por mim. – Amanda me disse em um sussurro enquanto a enfermeira procurava por Julie.

- Desculpe, qual é mesmo a sua relação com a paciente?

Amanda piscou uma ou duas vezes antes de dizer:

- Eu sou noiva dela.

A mulher levantou as sobrancelhas e assentiu com a cabeça. Olhei para Amanda confuso e ela olhou de volta para mim de maneira incisiva, como que me avisando para não comentar nada sobre sua pequena mentira.

- Você pode me dizer por que ela está aqui?

- Ela deu entrada depois de ingerir um monte de remédios controlados. Ela já está fora de risco e você pode vê-la, mas ela vai continuar internada até os médicos avaliarem porque ela tomou os remédios.

Eu olhei para Amanda, chocado. Julie havia tentado se matar.

Amanda não chorou, apesar de por um momento eu achar que ela fosse. Primeiro, seu rosto ficou vazio. Depois, ficou apenas triste. Uma tristeza profunda, penetrante, que parecia me bater com força quando ela olhava na minha direção.

- Em que quarto ela está? – Amanda perguntou, delicadamente, e a mulher apontou a direção.

- Mas vocês vão ter que ser rápidos, não poderão ficar por muito tempo. E não tenho certeza se ela vai estar acordada, os médicos mandaram sedá-la por enquanto. Ela estava muito perturbada.

Amanda concordou com a cabeça e eu a segui pelo corredor. Paramos em frente a porta fechada e eu perguntei à Amanda:

- Você quer que eu espere aqui fora?

- Não. Se você não se importar, eu gostaria que você viesse. Tenho a impressão que vou quebrar se estiver sozinha no momento em que eu a vir.

Segurei sua mão e abri a porta, deixando que ela entrasse na frente. Não havia ninguém no quarto com Julie e ela estava parecendo doente, pálida, com olheiras profundas. Apática.

Amanda se sentou ao lado dela e eu me sentei do outro lado do quarto. Julie começou a acordar quando Amanda tocou seus cabelos; abrir os olhos parecia ser uma tarefa difícil para ela, como se eles pesassem demais. No momento em que ela virou o rosto para Amanda, ela sorriu fracamente, balbuciando alguma coisa e em seguida seu rosto se contorceu e ela começou a chorar.

Julie chorou muito e Amanda a abraçou, a consolando. Depois de um tempo, entendi o que ela tentava dizer:

- Eu sinto muito... me perdoa...

- Tudo bem... – Sussurrou Amanda. – Só... não faça mais isso, por favor...

Eventualmente, Julie caiu no sono novamente. Amanda me disse que ela talvez nem se lembrasse daquilo mais tarde. Logo, nós tivemos que sair e eu sentei com Amanda do lado de fora. Aqueles minutos pareciam ter sido muito cansativos.

- Por que você disse que era noiva dela? – Perguntei a Amanda em um sussurro.

- Fiquei com medo de que, se eu dissesse que era uma amiga, eles não me deixassem vê-la...

- E a família dela? Você disse que não conseguiram falar com eles e que ela chegou chamando por você, mas você não deveria tentar falar com eles ou coisa parecida?

- Amanhã eu tento ligar para o pai dela, mas ele não vai me atender hoje. Ela tem uma relação complicada com a família. A mãe começou a usar drogas quando ela era adolescente e o pai as abandonou. Ela nunca mais soube dele até que um dia ela entrou no quarto da mãe dela e ela estava morta: overdose. Ela ligou para a ambulância. Foi horrível. Ela uma vez me mostrou a única foto que ela tem da mãe dela; é doloroso o quanto elas são parecidas.

Amanda fez uma breve pausa. Eu sentia um peso no meu coração. Eu nunca iria imaginar aquilo.

- Bem, ela era menor de idade quando isso aconteceu, então a polícia foi atrás e conseguiu encontrar o pai dela e a mandaram para morar com ele. Quando ela chegou lá, ele tinha casado de novo e tinha dois filhos pequenos com a nova esposa. É difícil explicar a maneira como ele a trata, nem chega a ser desprezo... Ele não dá a mínima se ela vive ou não. Ele adorou quando ela decidiu morar fora quando foi fazer faculdade, ele queria que ela sumisse da vida dele. Ele sempre manda bastante dinheiro para ela, depositando direto na conta dela, para evitar que ela tenha que voltar a morar com ele; ele nem fala com ela. Eu já fui até a casa dele com ela, quando ela foi visitar os irmãos. Ele nem consegue olhar para ela. Ele a quer distante dele e da família dele.

- Que pessoa horrível! Como foi que ela conseguiu viver com ele?

- Não foi por muito tempo. E a verdade é que a madrasta dela é uma boa pessoa, ela e os irmãos menores sempre foram legais com ela, mas nem sabiam da existência dela até ela aparecer na porta deles. O pai dela nunca contou a ninguém sobre ela.

- Nossa... eu... nem sei o que dizer... Esse homem é horrível. Eu sinto muito por ela, eu nem imaginava...

- Acho que a gente nunca imagina que as pessoas possam ser assim. Nem todo mundo é assim, mas eu acho que nós nos acostumamos a esperar o melhor das pessoas.

Ela suspirou, dizendo, por fim:

- É simplesmente medonho o que acontece nesse mundo.

E eu sabia que ela falava de tudo.

Do lado de fora do hospital, enquanto caminhávamos em direção ao carro, estacionado na rua de baixo, Amanda acendeu um cigarro e disse:

- Sabe, acabei de ter uma ideia de um nome para o gatinho.

- Ah, é? E qual vai ser o nome dele, então?

- Dominik. – Ela disse, depois de soltar a fumaça.

Parei por alguns segundos, pensando, e então disse:

- Eu gostei, é um bom nome.

Nós acabamos voltando para o apartamento para passar a noite e voltaríamos no hospital no dia seguinte. Amanda até me mostrou o presente que havia comprado para Julie e que levaria para ela no dia seguinte.

Olhamos no relógio e já passava das duas da manhã. Antes de eu entrar no meu quarto, Amanda me chamou:

- Feliz Natal. Eu acho...

- Feliz Natal, Amanda.

- Feliz Natal, Dominik. – Ela disse, passando a mão nas costas do gatinho.

Mas nossas palavras eram muita coisa, menos felizes. Deitei na minha cama, mas fiquei me revirando, sem conseguir dormir. Pensando em Julie, na história que Amanda havia me contado, em Amanda e em todas as pessoas infelizes pelo mundo naquele Natal.

Então eu simplesmente desisti de tentar dormir e fui para o escritório; sentei em frente ao meu computador e comecei a escrever.

Capítulo 10 – Chuva

Alguns meses se passaram. As férias acabaram, as aulas de Maria Clara voltaram, as minhas começaram. Duas semanas depois, nossos pais ligaram para dizer que nossa avó tinha morrido.

Para mim, a notícia veio do nada e despencou sobre e minha cabeça. Eu estava tão acostumado com a minha avó estando sempre lá, que eu às vezes me esquecia de que ela era mortal. Envelhecida, frágil e dolorosamente mortal. A mulher que cuidava de mim quando eu era criança, a senhora que era uma figura constante em nossas memórias em família. E eu nunca mais a veria novamente.

O funeral foi em um sábado. Era um verão mais chuvoso que o normal e durante a tarde inteiro, a chuva não deu sossego. Amanda estava entre nossos pais, segurando a mão dos dois, ambos chorando assim como eu, que segurava a mão de minha mãe.

Como sempre, Amanda não chorou, carregando aquela tristeza profunda e pungente em seus olhos secos.

Foi uma cerimônia simples, com pouquíssimas pessoas, apenas os mais próximos. Depois que o padre terminou de falar e seu caixão foi colocado sob a terra, nós nos abraçamos, consolando uns aos outros, lamentando a perda da nossa avó.

Maria Clara estava lá e me abraçou. Foi só então que eu desabei de vez, chorando descontroladamente em seu ombro. Ela afagou minhas costas, tentando me acalmar. Em um momento, começou a fazer efeito, até que eu consegui parar de chorar.

Todos começaram a ir embora e eu encontrei Amanda sentada em um banco de pedra do cemitério, dizendo que iria mais tarde. Decidi me sentar com ela. Ela me abraçou e eu coloquei a cabeça no ombro dela.

- Como você está? – Ela perguntou.

- Eu vou sentir falta dela...

- Eu também vou. Nós todos vamos. Nós amávamos muito ela e ela era uma pessoa incrível. Ela vai fazer falta.

Amanda parecia sempre saber o que dizer. Fiquei feliz por ela deixar eu sofrer naquele momento ao invés de pular direto para o discurso de que ela sempre estaria em nossos corações e que não iria querer nos ver chorar. Eu precisava passar pelo luto. E ela entendia e me deixava sofrê-lo em paz.

- Como você está? – Eu perguntei.

- Eu me sinto um pouco estranha. Por mais triste que eu me sinta, eu não consigo chorar. Eu acho que eu me tornei seca por dentro. Incapaz de chorar.

- Tudo bem. Você não é seca por dentro. Você apenas não é do tipo que chora muito. Mas cada um sente a dor e lida com o sofrimento de um jeito. Não é o jeito errado, é apenas o seu jeito. E se as lágrimas vierem eventualmente... apenas deixe elas rolares.

Amanda me deu um pequeno sorriso triste.

- Quando foi que isso aconteceu? Eu era a pessoa dos discursos.

- Você ainda é. Mas eu tenho meus momentos.

- Sim, você tem.

Ficamos um momento em silêncio até Amanda voltar a falar:

- Rodrigo, lembra que eu disse para você há muito tempo atrás que azul era força?

Fiquei confuso, mas assenti com a cabeça, esperando para ver em que ponto ela queria chegar.

- Não significa só força. Azul também significa tristeza. Todas as tristezas da vida e a força que precisamos para nos recuperamos, superá-la e seguir em frente. Pelo menos, agora eu sinto que é isso que significa.

- Sim. – Respondi.

- Sim? – Perguntou Amanda.

- Eu entendo exatamente o que você quer dizer, mana. E eu me sinto da mesma forma.

Levantamos alguns minutos depois para irmos embora e encontramos Maria Clara nos esperando alguns passos mais a frente. Eu abri os braços, surpreso por ela ainda estar lá, mas imensamente feliz em vê-la, e ela me abraçou. E seguimos assim pelo caminho de volta para casa.

Capítulo 11 – Livro

Amanda fez algumas mudanças nos seus planos de abrir uma editora. Trabalhando em um lugar que ela gostava, em uma editora que já era independente, ela fez uma proposta de entrar como sócia e abrir um novo selo editorial dedicado à publicação de autores estreantes, principalmente romances e contos de ficção, que não eram o foco do selo que a editora já tinha.

Ela entrou como sócia, mas levou uma semana até sua chefe dar a ela uma resposta sobre a ideia de um novo selo editorial e a mudança de cargo para de editora-chefe desse novo selo. Mas, felizmente, a mulher pareceu gostar da ideia de Amanda e, depois de medir os prós e contras, aprovou a ideia dela.

Depois disso, Amanda passou a ficar muito mais ocupada conforme trabalhava para tornar o selo realidade. Então, a Editora Nova passaria a ter um novo selo: Crescente.

- Por que esse nome? – Perguntei à Amanda, uns meses depois, quando tudo ficou pronto.

Ela riu e piscou, dizendo apenas:

- Qualquer dia eu ainda te conto.

Passado o tempo, o luto acabou e eu comecei a lembrar da minha avó com saudade, mas com alegria também. E a minha vida continuava. Eu esperava que ela ficasse orgulhosa da pessoa que eu estava me tornando. Assim como eu esperava que meus pais, Amanda e Maria Clara também se orgulhassem.

Chegaram as férias do meio do ano e foi preciso só uma semana delas para eu terminar meu primeiro livro. Depois de tanto tempo trabalhando nele, ele enfim estava pronto!

A mãe de Maria Clara havia vindo nos visitar naquele dia e as duas tinham ido ao shopping, então fui contar para Amanda. Mas no caminho para o quarto dela, nós nos esbarramos; ela estava a caminho do escritório. Nós nos batemos tão forte que caímos os dois no chão choramingando.

- Onde você vai com essa pressa toda? – Ela me perguntou, massageando a cabeça enquanto levantava.

- Eu estava indo falar com você! – Respondi.

Ela estendeu a mão e me ajudou a levantar.

- Eu também estava indo falar com você! – Ela falou. – Você se machucou?

- Não, estou bem. E você?

- Vou sobreviver. – Ela disse. – O que você queria me falar?

- Não, pode falar o que você queria, eu te devo essa depois de te derrubar.

- Nós nos derrubamos, mas tudo bem, eu primeiro.

Amanda me contou as novidades sobre Julie. Ela tinha passado alguns meses internada em uma clínica, tendo ela mesma se internado. Ela fizera acompanhamento com psicólogos e psiquiatras tinha recebido alta. As coisas pareciam um pouco estranhas entre ela e Amanda, as duas estavam mais distantes, escolha de Julie, mas ela ligara para Amanda para dizer onde estaria morando.

Isso já deixava Amanda mais tranquila, ainda mais porque Julie disse que continuaria se consultando com um psicólogo e uma psiquiatra. Ela ainda me disse que

havia verificado se ela estava falando a verdade sobre a pensão onde ela estava indo morar, parte por receio de que Julie fosse tentar algo novamente, mas estava tudo certo.

Fiquei feliz de saber que as coisas haviam melhorado para Julie, mesmo ela tendo se afastado um pouco. Amanda, era direito dela e o mais importante no momento era ela melhorar. Eu sabia que Amanda ficava chateada com a distância, mas entendia a situação e o motivo dessa escolha de Julie e por isso respeitava, não dizendo nada ou insistindo.

Em seguida, ela me perguntou o que eu estava tão afoito para contar.

- Ah, sim! Eu terminei meu primeiro livro!

- Não acredito, que bom! Não, eu acredito sim, mas que bom! É um romance?

- Sim, você quer lê-lo? – Perguntei.

- Claro que eu quero! Mas espera, espera. Eu tenho um favor para te pedir, agora que você terminou seu primeiro livro.

- Tudo bem... o que você quer pedir? – Perguntei, estranhando.

- Eu vou te pedir para que pegue o seu primeiro romance e guarde-o. Segure-o um pouco. Eu quero que você o publique pelo selo Crescente da Editora Nova, assim que ele ficar pronto. Eu adoraria se o seu livro fosse o primeiro. E, enquanto isso, você trabalha em seus outros projetos. Você faria isso?

- Mas é claro, tudo bem. Eu não estou com pressa de publicá-lo, eu posso esperar. Além do que, eu adoraria se fosse você a editar meu livro. Só espero que você goste dele e realmente continue a querer publicá-lo depois de ler.

Eu contei um pouco sobre o enredo para ela e ela sorriu.

- Eu não vejo como eu poderia não gostar desse livro.

Sorri de volta e Amanda voltou para o quarto enquanto eu voltava para o escritório, já com o projeto do meu segundo livro em mente. Ela foi ao próprio quarto e depois foi ao escritório segurando uma caixinha.

- Mano, lembrei de uma coisa; eu queria te dar isso antes que a Maria Clara volte, não quero que ela veja.

Era uma caixa de anel e dentro estava o anel de noivado que Julie havia dado para ela.

- O que? Por que você está me dando isso?

- Eu nunca vou usá-lo. Seria um desperdício deixá-lo nas minhas coisas para sempre. Acho que esse anel merece ir para alguém que realmente vá ficar noiva.

- Ainda não entendi porque você está me dando isso. Você quer que eu seja noiva de alguém? Eu não estou entendendo nada!

- Não, seu pateta! Esse anel é para você dar para alguém. Eu quero que você dê esse anel para a garota que ama quando sentir que é a hora certa e quiser se casar com ela.

- Ah... Ah! Entendi, entendi. Foi mal. Mas você tem certeza disso? E quanto a Julie?

- Eu conversei com ela sobre isso. – Falou Amanda, rindo e rolando os olhos. – Ela concordou. Ela gostaria que você ficasse com o anel também. Não para você usar, é claro, mas parece que você entendeu agora.

Amanda estava rindo da minha cara por eu ter pensado que era para eu usar o anel; eventualmente, eu comecei a rir também. Escondi o anel nas minhas coisas na gaveta do escritório e a tranquei, para que Maria Clara não o achasse e começasse a pensar coisas. Eu ainda não sabia quando ia querer me casar, mas provavelmente seria com ela; mesmo assim, não queria que ela tivesse esperanças antes da hora.

GL

Quando Amanda estava quase no quarto, eu lembrei de algo e me levantei para chamá-la:

- Mana, quase que eu esqueço.

Ela olhou para mim, ainda meio que rindo.

- Diga a Julie que eu desejei melhoras e boa sorte para ela. Eu espero que ela fique bem logo. – Falei.

Amanda sorriu e disse:

- Obrigada. Eu direi sim. E eu também espero, mano.

Ela ficou séria e entrou no quarto, repetindo:

- Eu também espero.

Capítulo 12 – Envelope

Eu cheguei na casa em que iria morar por volta do meio da tarde. Logo que coloquei os pés para dentro, percebi que eu não apenas era, aparentemente, a única novata por ali como também era a mais jovem. Eu acabara de fazer dezoito, enquanto todas as outras garotas pareciam ter vinte anos ou mais.

Só no meu quarto, havia outras três garotas. Entrei e coloquei minhas coisas na cama vazia. Havia duas garotas lá dentro já.

- Olá. – Eu falei, timidamente.

As duas pegaram e me olharam de cima a baixo com expressão de nojo antes de saírem sem dizer uma única palavra para mim. Outra garota esbarrou com elas enquanto elas saíam. A garota se desculpou conforme era xingada pelas colegas e entrou no quarto.

- Olá. – Eu disse, esperando alguém mais legal do que as duas anteriores.

- Oi. – Ela disse e me deu um sorriso tímido. – Eu sou Julie. Você deve ser a garota nova.

Ela estendeu a mão para que eu a apertasse e eu o fiz.

- Sim. – Eu respondi. – Eu... eu me chamo Amanda.

- É um prazer conhecê-la, Amanda.

Julie começou a conversar comigo e a perguntar sobre a minha vida e me contar sobre a dela. Perguntou que curso eu faria, quantos anos eu tinha, de onde eu era, se tinha irmãos. Ela era dali mesmo e tinha vinte anos. Era a única filha que seus pais tiveram juntos e fazia o mesmo curso que eu faria na faculdade. Estava um ano na minha frente, então se propôs a me ajudar nas matérias caso eu precisasse. Também me deu dicas sobre como viver com várias desconhecidas e disse para eu tomar cuidado com aquelas garotas que eu vira mais cedo. Apenas uma estava no nosso quarto, mas ambas e mais algumas outras eram folgadas e não respeitavam o espaço alheio, de acordo com ela.

Por sorte, acabou que a outra garota que vivia no quarto era bem mais velha e estava no último ano do curso de psicologia. Era bem reclusa e meio fria, mas ela era sempre educada; ela tinha um jeito de “cuide das suas coisas e eu cuido das minhas”. Ela não gostava de ser perturbada e passava o dia inteiro enterrada em livros. Julie disse que depois de um tempo eu me acostumaria e ela até ficava legal.

Com o tempo, vi que Julie estava certa. E eu gostava da maneira como ela fora simplesmente legal comigo logo que eu cheguei; eu quase nunca encontrara pessoas como ela.

Algumas semanas se passaram e eu fiz amizade com algumas outras garotas, mas nenhuma ficou tão próxima quanto Julie. Eu gostava da personalidade dela, eu estava aprendendo a confiar nela. Eu queria ser amiga dela e queria que nossa amizade durasse.

Nesse período, decidi escrever uma carta para Rodrigo. Ele sempre fora chegada a coisas antiquadas, então decidi contar algumas coisas por carta e colocar no correio para ele. Mesmo que a gente se falasse sempre pelos meios virtuais e provavelmente na altura que a carta chegasse ele já saberia das coisas que leria, ele gostaria bastante de receber uma carta.

Comprei uma caixa de envelopes azuis e demorei algum tempo pensando no que escrever. Até que, depois de um fim de semana muito legal com Julie, eu sentei a minha cama a noite, apoiando a folha em uma prancheta, e comecei a escrever.

“Querido Rodrigo,

Eu me lembro que quando éramos menores, conforme eu crescia, eu me perguntava porque tínhamos que deixar coisas das quais gostávamos para trás apenas porque “já passávamos da idade de fazer aquilo”.

Hoje, eu me lembrei disso e queria falar com você sobre isso. Na verdade, isso é besteira. Não devemos parar de fazer algo que a gente gosta como brincar com algo ou assistir desenhos na televisão porque somos adultos.

É o adulto que você é, o que você gosta não te faz menos adulto. É uma questão de crescimento, mental e emocional, se tornar mais maduro para encarar a vida: isso te torna adulto. E isso nem ao menos tem tanto a ver com idade quanto parece.

Sabe, eu fiz uma amiga aqui na faculdade. O nome dela é Julie. Eu gosto muito dela, nós nos damos muito bem. Hoje nós assistimos desenhos animados na televisão e fizemos bonecos com massa de modelar. Eu me lembrei o quanto eu gostava de fazer isso e eu ainda gosto.

Nunca devia ter me esquecido disso.

Sabe, em alguns momentos, ela me lembra você. Corajosa, mas meio assustada às vezes.

Eu gosto realmente dela. Espero que possamos nos tornar boas amigas.

Mas diga-me, o que anda acontecendo aí em casa?”

Capítulo 13 – Oceano

Quando se está submerso, todos os sons parecem mais distantes. Tudo parece mais distante. É como um mundo a parte. Apesar de estar nublado, havia alguns raios de sol acima de mim, se infiltrando na água e seu reflexo atingindo meus olhos abertos.

Uma vez quando era criança, eu havia quase me afogado brincando na piscina. Eu me lembrava bem da sensação. Era uma sensação que me acompanhara em vários momentos da minha vida de outras maneiras.

Mais de uma vez, eu dolorosamente me senti como se estivesse perdida no oceano. Tudo o que havia para todos os lados era a interminável visão de água. Nenhum farol. Nenhuma luz. Nenhuma guia. Nenhuma vida. Apenas eu, perdida sozinha no oceano. Essa era a sensação.

Nesse oceano, havia momentos em que estava calmo o suficiente para eu conseguir colocar o nariz para fora e respirar. Mas minha boca continuava cheia de água e eu continuava tendendo a afundar.

Havia momentos em que havia tempestades e grandes ondas me engoliam, me arrastando para o fundo, me afogando e me sufocando em seu desespero a ponto de eu achar que aquela dor me mataria. Foi assim que eu me senti quando João foi embora, quando ainda éramos adolescentes. E, infelizmente, outras várias vezes em minha vida.

Eu me sentia sozinha, desamparada, perdida. Sufocando em uma dor invisível em um lugar no qual ninguém descobriria e da qual ninguém poderia me salvar. Às vezes, ela me movia, com suas ondas, me sacudindo de um lado para o outro, até um me sentir a beira da morte. Mas eu sobrevivia.

Porém, no dia em que eu saí da casa dos meus pais, Rodrigo me deu um papel com um telefone. O telefone de uma pessoa que me ajudou. Uma pessoa que me ajudou a encontrar um farol, uma esperança. Uma luz a qual perseguir e que me atingia mesmo quando eu estava submersa.

- Amanda! – Ouvi Rodrigo gritar.

Coloquei a cabeça para fora, respirando fundo. Acenei com os braços para que Rodrigo me visse.

- Amanda! – Ele voltou a gritar.

Não vou dizer que foi rápido ou fácil; não foi nenhum dos dois. Mas essa pessoa me ajudou. E com o tempo, eu fui ganhando mais força para lutar contra as ondas. As tempestades começaram a se tornar mais brandas, menos frequentes. Então, um dia, foi como nesse dia. Eu conseguia colocar a cabeça para fora e sentir os raios de sol tocando minha pele.

Maria Clara apontou para onde eu estava e Rodrigo me viu.

E a partir daquele momento, foi como se eu conseguisse, enfim, respirar tranquilamente.

Epílogo – Forças Azuis

Julie e Amanda estavam sentadas na areia macia, olhando para o oceano. Fazia muito tempo que Amanda não ia a praia e ela sentia saudade daquela imensidão azul se estendendo à sua frente e do sentimento que aquilo lhe trazia. Ela se sentia pequena, insignificante, de um jeito reconfortante. Olhar o oceano a colocava de volta em uma posição de conforto com sua imperfeição, ser mundano. Um grão de areia naquele planeta que era um grão de areia na galáxia que era um grão de areia no universo.

Amanda suspirou; ela suspirava muito. A última vez que ela estivera na praia fora antes mesmo de Rodrigo se formar no Ensino Médio. Agora, ele estava formado na faculdade. Tanta coisa havia acontecido naquele meio tempo. Tanta coisa que se perdia em sua cabeça, que ela tentava encaixar e compreender os sentimentos que traziam.

Grande parte do que suas memórias lhe traziam era mágoa. Ela fora magoada, ferida. Mas ela não se via como uma vítima e sim como uma lutadora. Ela sofria com as perdas, com as dores, como todo mundo. Não são assim todos os humanos? Lutando para sobreviver às perdas e dores físicas, materiais, emocionais? Tentando superar psicologicamente seus traumas, seus medos?

Ela suspirou novamente. Ela era só mais uma humana. E, infelizmente, ela não podia mudar o mundo. Ela queria poder tornar a vida mais maleável, mais simples, menos dolorosa. Ela queria que o mundo sofresse menos; assim era Amanda, sentia uma imensa tristeza por todos os desastres que havia no mundo, principalmente os sociais. Mas em algum momento, ela percebeu que se preocupar com aquilo apenas a enlouqueceria. Ela tinha que fazer algo e torcer para que seu máximo fosse o suficiente para que, somado ao máximo de outras pessoas, a diferença pudesse ser significativa.

Foi essa a principal razão da busca de Amanda por disseminar a leitura. Ela acreditava que a leitura poderia trazer a experiência de algo que não se consegue fisicamente realizar através das palavras do outro, como conhecer uma cultura do outro lado do mundo mesmo e talvez principalmente quando não se tem dinheiro para se conhecer aquilo com todos os cinco sentidos. Você pode ler alguém que viveu aquilo contando sobre o que aquilo era por biografias. Mais do que o intelecto, desenvolver empatia e compaixão pelo próximo. Para Amanda, mudar o mundo sempre tinha que começar por aí.

Uma última vez, ela suspirou ao pensar em tudo aquilo. O oceano e seu efeito sobre ela. De fazê-la se sentir silenciosa e vulnerável; intimidador que facilmente tirava vidas. Ela contemplava com admiração e medo de tudo o que ele guardava, inclusive de seu oceano interno.

- Está tudo bem? – Perguntou Julie.
- Acho que sim. – Ela respondeu, apoiando os cotovelos nos joelhos dobrados. – Isso tudo apenas me faz pensar tanto sobre tantas coisas...
- Coisas boas ou ruins?
- Acho que um pouco das duas misturadas. Sei lá.
- Você não se arrependeu ou está preocupada...? – Começou Julie, mas Amanda ergueu a mão, pedindo para que ela parasse.

- Julie, a única coisa que me preocupa é o quanto você se preocupa com isso. Eu estou... em paz, com a situação toda.

- Eu não sei, é só que... e se der errado?

Amanda riu, o som que ela fazia com frequência que ficava entre a rir e bufar.

- Julie, errado tem vários sentidos. É bem uma questão de ponto de vista. Eu vejo mais como um “não dar certo” do que como um “dar errado”.

- Tudo bem, mas e se não der certo?

- Então pelo menos, dessa vez, você tentou. Acho que tem tudo para dar certo. A gente vai ficar bem.

Depois de dizer isso, Amanda alcançou um cigarro e o acendeu, o vento levando a fumaça para longe de Julie.

- Eu ainda não consigo acreditar que você fuma. Depois de tudo que aconteceu com você... – Falou Julie.

- Julie, não seja tão melodramática. – Respondeu Amanda. – Eu fumo um ou dois cigarros em um mês. Isso não é ser fumante. Mas de toda forma, esse era o último. Não estou a fim de comprar mais.

Amanda pegou seu cinzeiro de bolso. Ela mal chegava a fumar o cigarro inteiro, dando algumas tragadas na primeira metade, sendo que o resto acabava queimando sozinho; sempre tomando cuidado para que a fumaça não fosse ao rosto de Julie.

Por algum tempo elas ficaram em completo silêncio até o cigarro queimar-se por inteiro entre os dedos de Amanda. Julie continuava pensando nos “e se...” que rodavam sua mente. Será que ir morar com Amanda era uma boa ideia? E se desse errado? E se não desse certo? E se ela não aguentasse? E se ela cometesse um deslize de novo? E se Amanda cansasse dela? E se...

Rodrigo havia terminado a faculdade. Maria Clara havia terminado um ano antes dele e arrumado um emprego melhor do que o de secretária e que os estágios que tinha antes. Então, Rodrigo terminou a faculdade e Amanda conseguiu um emprego para que ele trabalhasse com ela; ela era a chefe da equipe da qual ele fazia parte, mas ela não gostava de ver as coisas dessa forma. Assim, depois de um tempo, eles enfim se viram em uma situação confortável o suficiente para irem morar os dois sozinhos.

Então, Amanda perguntou a Julie se ela não queria morar com ela. Elas tinham voltado a ter mais contato e Julie tinha que reconhecer que a pensão em que ela estava vivendo estava bem longe de ser um sonho. Ela se perguntou “por que não?” e decidiu aceitar a proposta. Mas mesmo tendo se “recuperado” de seus sentimentos por Amanda, era ainda estranho para ela. Também era estranho para ela o fato de Amanda estar agindo tão naturalmente quanto a tudo, sem se preocupar ou se sentir estranha diante de tudo aquilo. Julie queria poder ser assim.

O cigarro se apagou e Amanda jogou a bituca dentro do cinzeiro. Julie apoiou a cabeça sobre seu ombro e Amanda passou o braço ao redor de seus ombros.

- Como você consegue ser assim?

- Assim como? – Perguntou Amanda, rindo.

- Sei lá, desse jeito. Despreocupada, segura, forte para lidar com as situações...

Amanda riu novamente.

- Eu não sou despreocupada ou segura, Julie. Eu não acho, pelo menos.

Ela fez uma pausa e Julie sabia que ela estava olhando para frente, pensando.

- Eu já te contei a história dos Dias Cinzentos? – Amanda perguntou.

Julie fez que não com a cabeça, temendo falar, e Amanda continuou.

- É difícil saber quando os Dias Cinzentos começaram, acho que talvez eles sempre tenham existido. Mas vamos começar pela história desse garotinho. Ele nasceu com um tipo de daltonismo que fazia com que ele não conseguisse ver cor nenhuma. Ele só via em branco e preto. Esse garotinho tinha uma irmã mais velha, que ele não sabia, mas só via tudo em preto e branco também, apenas de um jeito diferente. Um dia, o garotinho pediu a ela que lhe explicasse o que era uma cor. Foi então que a jornada dos dois começou. Como explicar as cores à alguém que não consegue vê-las? A garota se perguntou. Então, ela associou as cores à algo que o garotinho entenderia: as emoções.

Julie ficou em silêncio, mesmo já sabendo o que viria mais a frente, ela queria ouvir Amanda contar a história completa.

- Conforme o garotinho crescia, ele ia entendendo as cores melhor. E foi assim, também, que a garota conseguiu se sentir melhor também. Mostrando as cores para ele, ela conseguia vê-las de relance, também. Foi então que ela percebeu que, assim como ele, ela tinha salvação. Ela não estava condenada a viver em um mundo vazio de cores, assim como o garotinho também não estava. Os dois se depararam com diversas pedras no caminho, curvas sinuosas, mas eles sempre conseguiam seguir em frente. Eles vivenciaram e passaram por diversas cores, mas foi com a ajuda de uma delas que eles sempre conseguiam continuar. Havia algo que ajudava a guia-los a nunca desistir. Consegue imaginar o que era?

Julie ficou em silêncio.

- Eram as Forças Azuis. As Forças Azuis sempre moveram os dois irmãos. Era a paz e a sabedoria que eles encontravam no silêncio. Era a empatia da tristeza. Era a força do rio que brotava em seus corações, os empurrando para frente, reluzindo em seus olhos, guiando seus caminhos. Assim, os irmãos superaram tudo. Ainda que separados, em rios divididos, a força tinha uma nascente única, que nasceu quando eles entenderam o poder de força que o azul tinha. Assim era e assim será porque a força que os une é mais forte. Agora, você sabe por que eu te contei essa história?

Em silêncio, Julie negou.

- Meu irmão escreveu essa história. Vai ser a primeira que ele vai publicar. Eu não tenho ideia do que as pessoas vão achar, se vai fazer sucesso ou não, mas para mim não importa. O que importa é a essência dela. Não é uma história sobre mim, nunca foi. Eu nunca quis que fosse, esse era o ponto. Mas ela diz muito sobre mim. Toda ela diz muito sobre nós, eu e Rodrigo. Se você olhar bem fundo, você entenderá.

E ao repassar a história em sua mente, Julie entendia o que ela queria dizer. Ela via o que havia nas profundezas do coração de Amanda.

- E se você entendeu, você verá que eu sempre estive preocupada com meu irmão. Eu sempre estive insegura com meus sentimentos. E eu pensei em desistir em diversos momentos. Eu não sou nada. Eu sou só humana.

- Você não é só uma humana. Você é Amanda. E para mim... e para todos ao seu redor... isso é muito mais.

Amanda olhou para ela e sorriu. Julie fechou os olhos e deixou a brisa atingir seu rosto.

- Julie, eu nunca vou poder te amar do jeito que você me amou. Eu nunca vou poder te amar do jeito como você queria que eu te amasse. Mas eu te amo, do meu jeito. Como amiga, como uma irmã. Isso pode ser o suficiente para você?

Julie suspirou.

- É mais do que o suficiente.

- Então a gente vai ficar bem. Não vou dizer que nada vai dar errado, ou que tudo vai dar certo, mas a gente vai ficar bem.

Amanda abraçou Julie e se levantou, estendendo a mão para que Julie se levantasse também. As duas começaram a caminhar e Amanda jogou o cinzeiro na primeira lixeira que elas encontraram. Ela não precisaria mais dele, fazia tempo que pensava em fazer aquilo. No fim das contas, ela nem entendia aquele hábito e havia chegado à conclusão de que era estupidez continuar.

Conforme voltavam para o quiosque da praia, Rodrigo se aproximou e Julie continuou o caminho sozinha para deixar os dois conversarem em paz, sentando-se junto à Maria Clara. Eles andaram em silêncio por um longo tempo antes de se sentarem.

- Mal posso acreditar em tudo o que está acontecendo... – Disse Rodrigo.

- Você vai morar com a sua noiva.

- Depois de propor casamento a ela com o seu anel de noivado.

- Era um anel lindo, ele não deveria ser desperdiçado. – Amanda deu de ombros. – Não consigo imaginar ninguém melhor para ficar com ele do que a sua escolhida.

- Minha primeira e única. – Rodrigo sorriu, olhando para os pés.

Amanda riu.

Olhando para frente, ela assistia o sol se pôr acima do oceano. Uma visão linda.

- Sabe, Rodrigo... O futuro parece brilhante ao horizonte.

- Ele sempre foi. – Rodrigo disse e Amanda o olhou, meio confusa. – A diferença é que, agora, nós conseguimos ver isso.

Amanda acenou com a cabeça.

- Sábias palavras, pequeno gafanhoto. Acho que você está certo. Meu mano realmente é um homem adulto.

Rodrigo sorriu.

- E minha mana realmente já tem quase trinta anos.

- Estou mais perto dos trinta do que dos vinte. Mas fazer o que, estamos todos suscetíveis ao tempo. – Amanda deu de ombros, sorrindo.

- E o que acontece agora? – Perguntou Rodrigo.

- A vida continua, como sempre. Amanhã terminam nossas férias em família e voltamos para casa. Você e Maria Clara vão morar juntos, se casar. Julie vem morar comigo e nós vamos ficar bem. Um dia, Julie irá encontrar a pessoa certa para ela e vai deixar de morar comigo. Vou cuidar dos nossos pais quando eles envelhecerem. Vou cuidar dos meus sobrinhos enquanto eles crescem. E vou cuidar dos livros de algumas pessoas durante todo esse processo. Ou talvez um meteoro colida com a Terra amanhã e o mundo acabe, e nada disso aconteça. Ou talvez nada disso ou algumas dessas coisas apenas não aconteçam por outras razões e o mundo vai continuar inteiro.

- Mas isso não importa agora. – Disse Rodrigo, descansando a cabeça no ombro de Amanda.

- Não? – Perguntou Amanda.

GL

- Não. A única coisa que importa agora é que você está bem. Eu me sinto bem. Eu me sinto vivo. E o futuro parece brilhante. A gente se preocupa com os planos que falharem quando e se isso acontecer.

- Então, o que nos resta agora? – Questionou Amanda, querendo ver que caminho seguia o raciocínio de Rodrigo.

Ele realmente havia mudado muito com o passar dos anos.

- Nos resta o silêncio. E a paz que vem com ele.

Então, os dois apenas sentaram em silêncio observando o pôr do sol e aproveitando a paz que vinha com ele, sem se importar com o resto.

Porque, naquele momento, tudo ficaria bem.

Fim

Agradecimentos

Para começar, eu queria agradecer à minha família por ser maravilhosa e sempre me apoiar como escritora. Em especial obrigada a minha mãe e meu pai por serem demais e terem lido essa história mil vezes para mim. E obrigada a minha irmã por sempre ficar tão empolgada com tudo o que eu escrevo.

Obrigada aos meus amigos por estarem comigo e ouvirem meus desabafos e choramingos. Élide e Gabriela, obrigada por serem ótimas amigas. Jaqueline e Hellen, obrigada por serem ótimos seres humanos. E obrigada a todo mundo que já foi uma parte positiva da minha vida.

Meu muitíssimo obrigada a todos os melhores professores que eu já tive, vocês tiveram um impacto gigantesco na minha vida e eu não tenho como agradecer todo o conhecimento que vocês me passaram. Em especial, agradeço a Catarina, minha professora de Português, e Francine, minha professora de Filosofia, por serem minhas primeiras fãs fora da minha família. Espero que estejam lendo isso e que estejam orgulhosas desse meu trabalho.

Por fim, mas definitivamente não menos importante, obrigada a você, por ter dado uma chance a esse livro. Espero que você tenha gostado dessa história tanto quanto eu.

GL

Obra escrita e editada por L. R. Pratti.

Arte da capa desenhada e editada por L. R. Pratti.

Contato: pratti.lr@gmail.com